



Ana Maria Amarante Lopes

*As Novas Manifestações na Cultura Cabo-Verdiana
Interferência Estrangeira*



Licenciatura em Ensino de História

ISE, 2006

Ana Maria Amarante Lopes

As Novas Manifestações na Cultura Cabo-Verdiana
Interferência Estrangeira

Trabalho Científico apresentado ao ISE para obtenção do grau de Licenciatura
em Ensino de História, sob a orientação do Dr. Humberto Lima.

O Júri:

Praia, _____ de _____ de 2006.

«A cultura para ser fecunda e rica em humanismo deve estar aberta ao diálogo de culturas. De outro modo reduz-se ao ostracismo»

Manuel Veiga

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família pelo apoio prestado ao longo de todos esses anos:

Aos meus pais Daniel Lopes e Rita Amarante;

Aos meus irmãos Analito, Manuel, Paulo, Cláudio, Fernanda, Isabel, Jonas, Elias e Maria;

À minha Filha Dailene Amarante;

Ao meu marido Pedro Segredo.

Aos meus sobrinhos Dorise, Cristie, Danisio, Davidsom, Rodrigo, Nicole e Daniel.

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho desta natureza envolve quase sempre entidades e pessoas singulares.

Assim, queria aqui expressar a minha gratidão a todas elas:

- Em primeiro lugar, ao meu orientador, Dr. Humberto Lima pelo trabalho de orientação, pelos conselhos, pela atenção dispensada e pela forma amigável como me incentivou na realização deste trabalho.
- Ao Departamento de História e Filosofia do Instituto Superior de Educação, em especial a Dr. Lourenço Gomes pelo seu apoio.
- À Dr. Antonieta Lopes empréstimo das bibliografias, e pela forma amável que se disponibilizou para ler o trabalho.
- Ao meu cunhado Eliseu Soares pela ajuda na formatação.
- Ao meu amigo Luís Lima Fortes pela impressão do trabalho;
- A minha amiga Brígida pelo apoio, e companheirismo ao longo de todos esses anos.
- À minha família, colegas, amigos e a todos os entrevistados, cujo contributo e apoio moral foram indispensáveis para a execução deste trabalho.

À todos um muito obrigada !

A Autora

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
------------------------	----------

CAPITULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA CULTURA

1. Aspectos essenciais de uma cultura.....	12
2. Protecção e preservação do património cultural.....	17

CAPITULO II – A CULTURA CABO-VERDIANA E AS SUAS DIFERENTES DIMENSÕES

1. Origem.....	20
2. Manifestações Culturais Cabo-Verdianas.....	23
2.1. Língua	24
2.2. Música e Dança.....	24
2.3. Tradição Oral.....	27
2.4. Medicina Tradicional.....	29
2.5. Superstições e Crendices – Crenças Populares.....	30
2.6. Festas Tradicionais.....	31
2.7. Alimentação.....	32
2.8. Vestuário	33
2.9. Observação	33

CAPITULO III – INTERFERÊNCIA ESTRANGEIRA NA CULTURA CABO-VERDIANA

1. A dinâmica das sociedades.....	34
2. Factores que permitiram interferências na cultura cabo-verdiana.....	35
3. As Influências na Cultura Cabo-Verdiana.....	39
a) Língua.....	40
b) Música e Dança.....	43
c) Culinária	46
d) Vestuário.....	47
e) Religião.....	49
f) Arte.....	50
g) Meios de transportes	51
h) Observação.....	52
4. Consequências.	52
4.1 – Positivas.	53
4.2 – Negativas	55
5. Considerações Finais	57
CONCLUSÃO	59
BIBLIOGRAFIA	62
ANEXOS.....	65

INTRODUÇÃO

As influências culturais são os apanágios de qualquer sociedade, desde que estejam em contacto com culturas diferentes, e até pela estrutura interna da mesma. Esses contactos sempre aconteceram devido as várias viagens de descobrimentos e conquistas de novos povos. Ao longo dos tempos, temos notado que, cada vez mais, há essa inter-culturalidade, uma vez que as relações comerciais, sociais e culturais entre o mundo inteiro se intensificaram.

Neste sentido, a sociedade cabo-verdiana não fica de fora, aliás ela recebe influência estrangeira desde a sua formação. Essas influências têm-se intensificado cada vez mais, motivadas não só pela emigração como também pelos meios de comunicação devido a era da globalização que tem uma tendência nítida de juntar tudo e todos.

Perante os factos torna-se necessário um estudo aprofundado desta situação visando um melhor conhecimento da nossa cultura, hoje, compará-la com o passado e quiçá perspectivá-la para o futuro.

A escolha do tema recai sobre a vontade de conhecer melhor essas novas manifestações, o seu impacto na nossa sociedade, bem como a curiosidade de saber a opinião do povo cabo-verdiano sobre o assunto.

Da mesma forma, essa escolha relaciona-se com a pertinência do assunto em questão, podendo assim dar uma contribuição favorável em prol da nossa cultura.

O objectivo da escolha deste trabalho é investigar até que ponto a cultura cabo-verdiana tem recebido influências de outras culturas a ponto de originar novas manifestações. Pretende-se ainda verificar o impacto dessas manifestações no desenvolvimento e enriquecimento da cultura cabo-verdiana bem como as repercussões negativas advindas das mesmas.

Atendendo à nossa origem e aos estreitos contactos que temos com o estrangeiro, pois somos um país com fracos recursos económicos, sempre sentiremos a necessidade enquanto país de diáspora e forte dependência económica do exterior, sentiremos sempre a necessidade de ligações com o estrangeiro, e neste sentido é natural que nos sintamos interessados em fazer um estudo sobre a dinâmica da nossa sociedade face ao que vem do exterior e que seja novidade.

O nosso trabalho estrutura-se em três capítulos sendo o primeiro dedicado a um enquadramento teórico da cultura, onde falaremos da problemática na definição do conceito de cultura, dos elementos essenciais onde se reflecte sobre o que constitui o património cultural de um povo e a importância da sua preservação.

No segundo capítulo, faremos uma abordagem sobre a cultura cabo-verdiana desde a sua origem, como também um resumo de alguns elementos que fazem parte da nossa identidade cultural.

Naturalmente que não se indicam todos os elementos uma vez que seria impossível, até porque a nossa cultura tem particularidades de ilha para ilha, o que tornaria exaustivo para o assunto em questão. Foi nossa intenção dar mais realce aos aspectos aparentemente mais sujeitos à mudanças.

No terceiro e último capítulo trataremos a questão das interferências estrangeiras na cultura Cabo-verdiana, começando por uma resenha geral da dinâmica das sociedades, para depois reflectir sobre os factores que facilitam as interferências estrangeiras na nossa cultura, os elementos onde são mais visíveis elementos estrangeiros como a música, dança, língua, vestuário, arte entre outros, e ainda as consequências tanto positivas como negativas que as inovações trazem para a nossa sociedade.

Para a elaboração do presente trabalho recorreremos a várias pesquisas, incluindo obras da especialidade, Boletins Oficiais e artigos de jornais, para além de sites na Internet. Da mesma forma recorreremos a entrevistas à elementos da população, nomeadamente alguns estudiosos na matéria como é o caso de Manuel Veiga, Zelinda Cohen entre outros.

Durante as entrevistas constatamos uma certa coesão entre as respostas. Quase todas são de opinião que as interferências estrangeiras na cultura cabo-verdiana sempre aconteceram, e cada vez mais, se nota uma certa intensificação. Como principal factor apontam a emigração, bem como a abertura de Cabo Verde ao mundo.

Também estão conscientes que muitas vezes as imitações acontecem devido aos fracos recursos económicos que possuímos e mesmo as nossas condições geográficas, como também a falta de maturação para uma absorção de forma crítica.

Da mesma forma verificamos que alguns acham que muitos desses novos elementos na nossa cultura começam como uma espécie de “postigo”, é o caso de um emigrante que envia ao seu familiar um frigorífico sem ter a energia eléctrica em casa.

No entanto não deixam de referir que, se esses novos elementos forem canalizados de uma forma crítica, podem ajudar no desenvolvimento e enriquecimento da nossa cultura.

Comparando as entrevistas com as bibliografias consultadas verificamos um certo entendimento entre elas, uma vez que as informações captadas remete-nos para certas conclusões, que nos obrigam a afirmar que realmente a cultura cabo-verdiana como a de qualquer outra sociedade é dinâmica, e sendo assim está sujeita a aquisição de novos elementos. Segundo Manuel Veiga «o povo cabo-verdiano tem uma capacidade de compreender o universo, de dialogar com o mundo (...)»¹. Isto mostra-nos que Cabo Verde está aberto ao mundo fazendo com que, de forma rápida, seja invadido por elementos pertencentes à culturas diferentes que, pouco a pouco, se vão enraizando na nossa cultura. Baseando nesse aspecto é muito importante evitar que as inovações destruam as bases da nossa cultura. Deve haver sempre a conciliação entre o passado e o presente.

¹ VEIGA, Manuel. Identidade Específica e Global. In CORREIA E SILVA, Filinto Elísio (Coord.) **Cabo Verde 30 Anos de Cultura -1975- 2005**. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2005. p.15.

Estamos cientes que não é possível transmitir certezas absolutas sobre o assunto em questão, pelo que aceitamos sugestões construtivas que possam contribuir para melhorar este trabalho. De igual modo, estaremos abertos a qualquer discussão que este vier a suscitar.

Capítulo I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA CULTURA

1 - Aspectos essenciais de uma cultura

Vários estudos têm sido feitos no sentido de se formular uma definição mais concisa sobre a cultura.

No entanto, desses estudos têm resultado várias definições, todas diferentes, mas sempre com o mesmo propósito ou conteúdo. Para comprovar o dito anteriormente apresentamos alguns conceitos de cultura:

- **Cultura** – “ Património literário, artístico e científico de um grupo social, de um povo (...) conjunto de conhecimentos adquiridos por alguém, de experiências que permitem o enriquecimento do espírito e desenvolvimento de capacidades intelectuais.”²
- **Cultura** – “conjunto de conhecimentos, informações, saberes adquiridos e que ilustram (indivíduo, grupo social, sociedade) segundo uma perspectiva evolutiva; concerne ao conjunto de conhecimentos e valores da cultura tradicional de determinados grupos”.³

² A. C.L. (Academia das ciências de Lisboa). **Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea**. Vol I.A-F. Lisboa. 2001.

Tudo isto mostra que a palavra cultura tem sido usada em diferentes contextos fazendo com que ela tenha interpretações conforme as diversas percepções, pois a cultura não significa somente aquilo que se adquire através do contacto, mas também aquilo que criamos ou modificamos.

O Homem perante certas dificuldades vai realizando aprendizagens para satisfazer as suas necessidades através de modificações ou criações.

“O Homem enquanto faz a aprendizagem nunca fica apático em relação ao somatório de elementos que vai adquirindo. Modificando-os frequentemente, acrescenta, diminui e inventa novos elementos.”⁴

Esta citação explica claramente o referido anteriormente, e ainda mostra que o homem é um ser em constante aprendizagem e sempre que recebe novos conhecimentos não fica indiferente a eles, aproveita o que neles há de positivo para o enriquecimento da sua cultura, e que tem capacidade de modificá-los tornando-os em algo pertencente ao meio envolvente, pois cultura é tudo aquilo que existe mas que tem sentido numa determinada sociedade.

Neste sentido, um determinado elemento só passa a pertencer à cultura de uma sociedade se ela for reconhecida pelos elementos da mesma sociedade como acréscimo para a sua sobrevivência.

Os homens ao fazerem esse acréscimo para o seu bem, não o fazem da mesma maneira, de modo que em cada sociedade ou mesmo cada grupo tenham culturas distintas. Cada cultura é traduzida pela sua identidade e manifestações semelhantes fazendo com que grupos pertencentes a uma mesma sociedade tenham a mesma cultura, ou seja, os mesmos hábitos, costumes e tradições, crenças e valores.

Perante isto podemos dizer que a cultura é tudo aquilo que identifica uma sociedade em relação à outras, ou seja cada cultura possui traços distintos desde o modo de vida, artes, letras, a forma de pensar, de sentir, de agir e de crer, fazendo com que ela seja reconhecida e distinta perante outras culturas.

Neste sentido cada cultura representa um bem ou um valor para aqueles que compartilham. O indivíduo estando inserido numa determinada sociedade é obrigado a pensar

³ I. H. L.P. (Instituto António Houaiss de Lexicografia). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Lisboa. 2003. p.1152.

⁴ LIMA, Augusto Mesquitela, et Al. **Introdução a Antropologia Cultural**. Lisboa. Editorial Presença. S/d.p..38

e agir conforme as regras determinadas pela sociedade formando assim uma identidade cultural.

Essa identidade cultural é formada por elementos tais como a língua que é o meio de comunicação; a religião e crenças, pois cada sociedade ou mesmo dentro de uma mesma sociedade encontramos várias religiões; a forma de organização da sociedade desde a vida política, a hierarquização social, a economia, as ideologias, etc; ainda pode-se falar das tradições orais e escritas que, muitas vezes, servem para traduzir a vivência histórica dos antepassados de uma determinada sociedade; as festas, os jogos, a forma de vestir, os hábitos alimentares, os modelos para construção das habitações, a música, as danças, de igual modo fazem parte dos elementos que caracterizam uma cultura, definindo a sua identidade.

É necessário apontar que sem sociedade não existe cultura, pois para que haja a implementação dos costumes e hábitos o homem tem que estar inserido numa sociedade com suas regras próprias que devem ser cumpridas e executadas, permitindo o desenvolvimento de todo o apetrechamento necessário à sua sobrevivência, bem como fixação de regras que serão transmitidas de geração em geração.

Essas regras são inventadas pelo próprio Homem como forma de satisfação das suas necessidades e uma melhor organização da sociedade onde estiver inserido, ou seja o Homem aproveita-se da Natureza e modifica-a em seu benefício próprio.

É neste sentido que se afirma que as pessoas ao nascerem não têm nenhuma cultura, mas vão construindo-a de forma gradual. Esta construção é repetida em todas as gerações de acordo com as características de cada sociedade.

Tudo isto porque a cultura não é transmitida geneticamente, mas sim através do processo de endoculturação, em que à criança, logo ao nascer, é imposta valores da cultura de forma a ajustar a realidade da sociedade onde ela se encontra. Nessa fase ela recebe-os de forma passiva não havendo nenhuma rejeição, pois caso contrário teria de rejeitar o meio onde está inserida. Por exemplo, uma criança chinesa criada em Cabo Verde adquire os costumes da nossa cultura e não as do país de onde ela é oriunda. Mesmo que os seus pais, em casa, lhe transmitam traços da cultura chinesa, a sociedade vai exigir dela, como uma forma de adaptação e de convivência sadia, fazendo com que a sua cultura seja o resultado da adaptação num determinado ambiente e neste caso, o ambiente de Cabo Verde.

Outro aspecto a considerar é que a cultura não é estática, mas sim sofre várias transformações ao longo dos tempos, ou mesmo aculturações por parte dos seus elementos como uma forma de integração em outras sociedades acabando por transportá-las para as suas sociedades de origem. Desta forma provocam interferências tanto positivas como negativas na sociedade. É o caso de Cabo verde que tem vindo a sofrer várias interferências de culturas estrangeiras tanto pela via da emigração, como também pelos meios de comunicação que ultimamente tem invadido o nosso país. Sobre este assunto falaremos com mais pormenores no III capítulo do trabalho.

É de realçar que todos os novos elementos só passam a pertencer a uma determinada cultura, se eles forem reconhecidos na sociedade onde ela estiver inserida, ou seja para a formação da cultura é necessário um ambiente onde cada elemento actua dando o seu contributo de forma que ela seja divulgada e preservada, evitando a sua destruição devido a aspectos negativos.

Pensando neste sentido Bernardo Bernardi apontou quatro valores essenciais da cultura:

- Anthopos – “que é o contributo que cada pessoa dá na formação da cultura pois a cultura é constituída por “traços psíquicos do ser humano como o temperamento, as tendências, necessidades, aptidões, atitudes, interesses, marcas, experiências anteriores, etc, cuja disposição compõe um todo estruturado.”⁵

Isto mostra-nos que o Homem como um ser social faz sempre interferências no sentido de obter conhecimentos, desde o nascimento até a morte, uma vez que há necessidade de aquisição de costumes próprios da sociedade em que vive fazendo com que estas se mantenham vivas.

- Etnos - quer dizer comunidade ou povo. Diz respeito ao Homem como um ser individual pertencente a uma comunidade em que a principal preocupação é preservar os traços da cultura dessa comunidade.

- Oikos - é o ambiente onde o Homem actua desenvolvendo a cultura. Conforme for esse ambiente assim é a capacidade de adaptação e transformação do indivíduo para actividades, sejam elas económicas, políticas e sociais fundamentais na cultura.

⁵BERNARDI, Bernardo. **Introdução aos estudos Etno- antropológicos, Perspectivas do Homem**. Lisboa. Edições 70. 1992. Pp. 49

Podemos dizer que é deste ambiente que o Homem retira o seu próprio sustento.

● Crhonos - é o tempo em que a actividade humana se desenvolve e modifica, pois a cultura nasce, desenvolve-se e modifica conforme a introdução de novos valores ou desaparecimento de alguns, uma vez que há valores que servem numa determinada época, desaparecendo posteriormente, deixando de fazer sentido conforme a evolução dos tempos. O caso de Cabo Verde tem, por exemplo, o caso da virgindade, outrora um valor sagrado, em que era importante a moça casar virgem, com o propósito de não ser ultrajada perante a comunidade. Hoje esse valor já não é transmitido, fazendo com que haja muita união de facto em vez de casamento.

“A cultura fornece a matéria-prima que o indivíduo faz a sua vida. Se ela é pobre, o indivíduo sofre; se é rica, o indivíduo tem a probabilidade de aproveitar as oportunidades que se lhe oferecem.”⁶

Essa transcrição mostra-nos que a cultura influencia a vida do Homem, dando-lhe mais ou menos oportunidades conforme a sua variedade.

Neste sentido, a satisfação do Homem está ligado às condições impostas pela cultura fazendo com que as suas necessidades sejam hierarquizadas conforme o grau de necessidades. A tendência é, em primeiro lugar, satisfazer as necessidades alimentares e higiénicas e só depois as outras.

Tomando como referência esses quatros elementos podemos ver que a cultura é o alicerce da afirmação do indivíduo numa sociedade. É a cultura que o ajuda a traçar o rumo a seguir de forma que o indivíduo se sinta integrado e distinguido do ambiente onde vive de outras diferentes da sua.

Mas tudo isto é possível se houver consciência da importância da cultura e ela for protegida e conservada.

Todos nós devemos encarar a cultura como o nosso património, um meio para a nossa cultura ser reconhecida e uma forma de manter viva a história do nosso povo. A protecção do património de um povo deve ser uma tarefa de todos nós, com a finalidade de não deixar a nossa cultura morrer.

⁶ LOPES FILHO, J. **Introdução à Cultura Cabo-Verdiana**. Praia. ISE. 2003.pp.16

2- Protecção e Preservação do Património Cultural

Como já referido anteriormente, a cultura de um povo é o seu Património, sendo assim é necessário a sua preservação como forma de manter vivos os valores construídos durante vários séculos de história.

Este património pode ser tanto material que são todos os bens materiais produzidos pelo Homem (construções arquitectónicas, trabalhos do artesanato etc), e imaterial que são os bens expressos através de atitudes, comportamentos, princípios e valores reconhecidos dentro de uma comunidade como música, religião, dança, rituais, língua etc.

Esses elementos só constituem o património a partir do momento que são reconhecidos pelos seus valores e que todos se sintam interessados em protegê-los como forma de manter a identidade cultural constituindo assim a memória colectiva de uma determinada sociedade. Para que haja essa protecção é necessário trabalhar a mentalidade da população através da comunicação social e de pessoas no terreno, como forma a incentivar na colaboração da defesa do património, explicando-os a sua importância na história de um povo.

Em relação a Cabo Verde, o antropólogo Barbosa é de opinião que «há alguma deficiência na preservação do nosso património, uma vez que é necessário campanha de sensibilização mostrando às pessoas que é a riqueza do passado para o presente, bem como criar mecanismos jurídicos capazes de protegê-lo».

Muitas vezes é difícil explicar para uma pessoa o valor da preservação da integridade e autenticidade de uma construção arquitectónica, pois falta o suporte jurídico que mostra que a determinada construção pertence ao património e que só é reconhecida se pelo menos a fachada mantiver os traços originais.

Exemplificando, temos o caso da Cidade Velha que é um grande património cultural, mas muitos não sabem qual é o seu valor a ponto de modifica-la perdendo assim a integridade e autenticidade. Às vezes as pessoas fazem modificações nas suas casas não de propósito, mas por falta de informação, foi isso que constatamos ao efectuar uma visita àquele município. As pessoas, muitas vezes, não são informadas da importância do trabalho que está sendo realizado para recuperação daqueles monumentos que fazem parte de um grande leque de elementos pertencentes ao nosso património cultural.

Em Cabo-verde existe uma lei que protege o nosso património⁷ (Anexo 2), mas de acordo com os entrevistados, ela precisa ser reformulada e regulamentada adequando-a mais à realidade social que estamos vivendo hoje, principalmente com a preparação de alguns elementos da nossa cultura à categoria de património mundial.

Relativamente a essa protecção e divulgação da nossa cultura, Germano Almeida é de opinião que “todos devemos fazer aquilo que podemos e devemos, desde a sociedade civil, os artistas e criadores, uma vez que em Cabo-Verde somente 1% do OGE (Orçamento Geral do Estado) é destinado a cultura, porque a realidade social não permite ter uma fatia maior”.⁸

É necessário afirmar que toda a história evolui, fazendo com que haja novos elementos, como é o caso de Cabo Verde onde tem aparecido novas manifestações de que falaremos em outros capítulos. Essa introdução deve acontecer sem ruptura ou quebra com o existente, evitando a perda de valores marcantes da própria cultura. Deve haver uma integração de tudo o que já existe, caso contrário corremos o risco de perder a nossa identidade.

A destruição de uma cultura pode abalar as bases que a constituem, transformando o povo na cópia de outra cultura, pois só é cultura de um povo o que ele construiu através da sua maneira de ser.

⁷ Boletim Oficial nº 52.3º suplemento.29/12/90.pp13-21.

⁸ ALMEIDA Germano. *Internacionalização da Cultura*. In Jornal – **A Semana nº 718 de 17/06 2005**. Praia. 2005.

“O Património é cartão de visita de um povo, diz quem ele é, e sendo assim, oferece o selo de como ele pode e deve apresentar – se no e para o mundo. ”⁹

Isso mostra-nos que a protecção do património cultural é também uma forma de integrar com os outros, trocando ideias, difundindo-as mostrando realmente o que é.

Em jeito de conclusão, é necessário afirmar que a protecção do património requer o envolvimento de toda a sociedade, mas de uma forma harmoniosa, sem imposição, pois só podemos preservar aquilo com que nos identificamos.

⁹ [www. Micoa. Gof. Ms/ MICOA/ ambiente/ Moçambique/numero 21/ povo hotmail](http://www.Micoa.Gof.Ms/MICOA/ambiente/Moçambique/numero%2021/povo%20hotmail)

CAPITULO II – A CULTURA CABO-VERDIANA E AS SUAS DIFERENTES DIMENSÕES

1 - Origem

A colonização de Cabo Verde teve características diferentes das das outras colónias africanas, uma vez que os descobridores oficiais do arquipélago dão-no como desabitado por altura da chegada em 1460. Criando as condições, o povoamento processa-se coabitando no mesmo espaço pessoas de continentes diferentes.

Também, durante muito tempo, devido à sua posição geo-estratégica, Cabo Verde vai permitir o cruzamento das grandes rotas do comércio triangular e do tráfico de escravos, possibilitando contactos de diversos povos com culturas diferentes.

Os escravos ao serem trazidos para Cabo Verde eram usados como moedas de troca e no povoamento das ilhas. Desta forma haverá aculturações devido ao cruzamento da cultura europeia com a das diversas etnias africanas.

Coabitando no mesmo espaço surge a necessidade de integração e de comunicação para uma convivência sã, privando vários grupos de alguns hábitos o que desemboca num choque de culturas. Desse choque cultural nasce um conjunto de manifestações distintas e típicas que posteriormente davam origem à Cultura Cabo-Verdiana.

Apesar de cada grupo tentar preservar a sua cultura vai haver alienações motivadas pela forma como se deu o povoamento e pelo próprio espaço físico.

Devido ao referido anteriormente, muitas práticas tanto europeias como africanas, tornam-se de difícil realização por estarem longe do seu ambiente. Por exemplo os portugueses tinham os seus próprios hábitos alimentares, e mesmo que mandassem vir os alimentos do reino quem os preparavam eram as mulheres africanas, à moda delas. Mesmo que o branco se revoltasse era obrigado a adaptar-se.

Apesar de haver essa convivência cultural, o grupo menos coercivo vai ser os africanos, uma vez que eram constituídos por grupos de etnias diferentes (Jalofos, Mendingas, Balantas, Beafares, Bijagós, etc), espalhados por várias localidades, perdendo assim a ligação com o seu ambiente, e consequentemente os seus hábitos e costumes.

Para eles era uma perda da identidade, visto que estando longe e em número reduzido seria difícil uma resistência para manter viva as suas tradições culturais.

Podemos dizer que a identidade cabo-verdiana efectivou-se num processo de mestiçagem. Essa mestiçagem foi devido a quase inexistência de mulheres europeias nas ilhas, fazendo com que os brancos se envolvessem com as negras dando origem a indivíduos que não eram nem europeus, nem africanos, mas sim mestiços.

Nos séculos XVI e XVIII nota-se uma afluência dos colonos das ilhas para os rios da Guiné em serviço dos interesses económicos da metrópole, permitindo a ascensão social dos

mestiços. Isto provoca uma diminuição de choques entre as duas comunidades, até que pouco a pouco, os poucos brancos foram crioualizando-se, assimilando os hábitos e comportamentos do africano.

Segundo Dulce Almada “o facto de não termos sido uma colónia de povoamento, mas um entreposto de escravos não permitiu uma concentração muito grande de escravos da mesma etnia nas ilhas. Daí que o continente africano não tenha deixado aqui esse”apport” cultural maciço e palpável (...). Da mesma forma tão pouco a cultura portuguesa pode marcar entre nós uma presença suficientemente forte para se impor à sociedade como padrão.”¹⁰

Podemos concluir das palavras de Dulce Almada que a cultura Cabo-verdiana formou-se da fusão da cultura africana com a europeia.

O africano e o europeu foram obrigados a viver juntos na condição de escravo e senhor, em que aquele trabalha para enriquecer este, que o explora.

Neste sentido eram necessárias cedências para tornar possível a sobrevivência do escravo e permanência do colono. Assim, pouco à pouco, cada elemento ia integrando na cultura do outro.

No entanto, os africanos tinham a necessidade de fazer uma certa resistência na preservação da sua cultura, pois era uma forma de sobrevivência ao contrário dos europeus que apesar de também estarem longe da sua terra eram os detentores do poder.

Neste aspecto, Dulce Almada é de opinião que “as condições concretas da escravatura e da colonização fizeram com que fossem os africanos os verdadeiros agentes das transformações culturais em Cabo Verde. Foram eles que ao resistirem culturalmente (...), apoiando-se em elementos das diversas etnias representadas na sociedade escravocrata procederam à elaboração das culturas em presença.”¹¹

No cruzamento dessas culturas diferentes, nasce o mestiço que ao deparar com as diferenças dos seus progenitores, é obrigado a criar uma linguagem própria, que lhe permitia o contacto, nascendo assim a língua crioula.

¹⁰ ALMADA, Dulce. **Identidade Cultural cabo-verdiana**. In ANDRADE, Elisa. **Antologia de Textos de Cultura Cabo-Verdiana**. Praia. ISE S/d. p.

¹¹ ALMADA, Dulce. **Identidade Cultural cabo-verdiana**. In op.Cit.

A língua crioula torna-se assim no primeiro elemento dessa nova cultura que facilita o contacto entre os brancos e os negros.

Para o historiador António Carreira, “a língua crioula é o principal elemento que desde muito cedo melhor definiu a identidade cultural do cabo-verdiano.”¹²

A igreja também vai ter um papel aculturativo através do ensino do catecismo, do baptismo aos africanos e, muitas vezes, pela proibição de certas práticas religiosas ou rituais que fossem alheias à igreja católica. Isto pode explicar o número tão elevado de praticantes do catolicismo, ainda hoje, existente nas ilhas de cabo Verde.

É necessário realçar que devido aos processos utilizados no povoamento e a condicionalismos vários, as diferentes ilhas desenvolveram características culturais diferenciadas, paralelamente à consolidação de uma identidade fundada em raízes culturais comuns.

Com base em todos os elementos referidos, desenvolveu-se uma cultura própria de Cabo Verde, que se manifesta em vários domínios, permitindo a sua identificação e diferenciação em relação a outras culturas.

2- Manifestações culturais cabo-verdianas

Pretende-se neste capítulo apresentar de forma breve vários domínios da cultura cabo-verdiana, com destaque para as manifestações em que se têm verificado mais influências nos últimos tempos.

Como já foi referido anteriormente, a cultura cabo-verdiana nasceu da miscigenação de várias culturas com tradições, costumes e valores diferentes. Esses elementos vão coabitar num mesmo espaço fazendo aparecer as manifestações culturais tipicamente cabo-verdianas.

¹² CARREIRA, António. **O Crioulo de Cabo Verde – Surto e expansão**. S/L. Gráfica Europam lda. 1983. pp.54

De entre esses vários elementos, destacam-se alguns considerados mais relevantes neste trabalho, dado que são mais sensíveis a interferência estrangeira.

Neste sentido são de considerar vários elementos como a língua, a música, as danças, a literatura, as artes e ainda costumes e tradições que também se afirmaram como parte da identidade cultural cabo-verdiana.

Cabo Verde sendo um país de emigrantes com uma população no exterior superior aos residentes, têm na cultura o principal factor de unidade. De facto os cabo-verdianos, onde quer que estejam, são facilmente identificados por se comunicarem entre si na língua materna, pela culinária, pela fé religiosa como também pela música e dança.

2.1- Língua

A língua cedo se afirmou como língua de comunicação entre os cabo-verdianos. “Ela nasceu (...), da situação experimentada por indivíduos provenientes de diferentes «nações de gentes» posto em contacto uns com os outros, longe dos respectivos continentes.”¹³

Outra situação que motivou o aparecimento do crioulo de Cabo Verde foi o aparecimento do mestiço, que deparou com diferenças linguísticas entre o europeu e o africano, permitindo assim criar uma linguagem própria.

Segundo João Lopes Filho «da mesma forma que surgiu um novo elemento na sociedade local – o mestiço, também apareceu em Cabo Verde uma língua – o crioulo, que pouco a pouco, ganhou raízes e tornou-se um dos elementos representativos da sua cultura, visto a linguagem ser mais do que um meio de comunicação do pensamento, mas (sobretudo) um elemento estruturante do próprio acto de pensar (...).¹⁴

2.2-Música e Dança

¹³ Idem LOPES FILHO, João. 2003. pp. 238

¹⁴ Idem. Ibidem LOPES FILHO. 2003 pp 238

Relativamente a música e dança temos vários géneros que ao longo dos tempos têm caracterizado o povo cabo-verdiano, sobretudo acções quotidiana da sociedade, os hábitos, costumes, virtudes como também vícios e defeitos.

O cabo-verdiano usa os vários géneros musicais para cantar as suas limitações, os amores e desamores, a traição, o destino, a má sorte na emigração, etc.

A morna que para muitos nasceu na ilha de Boa Vista, mas no entanto põe a problemática de ser oriunda do fado português. É um género de melodia suave ligado a nostalgia em que o cabo-verdiano canta a saudade, o amor, bem como o drama da sobrevivência e evasão de querer ficar e ter que partir. As primeiras mornas foram feitas por Eugénio Tavares e cantadas por B. Leza.

Segundo Moacyr Rodrigues, «ela identifica com a própria vida do cabo-verdiano (...); É uma manifestação cultural das mais importantes para o reconhecimento e identificação das mutações psíquicas e sociais da sociedade cabo-verdiana.»¹⁵

Os instrumentos utilizados nos bailes eram o violão, cavaquinho, rabeca, banjo viola etc. Segundo uma informante de Santo Antão, de 60 anos de idade, a morna genuína tinha um ritmo mais lento que era dançado só com os namorados e que exprimia sentimentos de amor, paixão, saudade e tristeza.

A Coladeira – É um género de música e dança que retrata o aspecto social do cabo-verdiano. Começou a assinalar a sua presença em São Vicente na segunda metade dos anos 50. Nos anos 60 a Coladeira atingiu o seu auge condicionada por vários factores como a crise social vivida na época, a pressão política, a seca, a imigração e a crítica a mulher.

É um tanto satírica, visto que critica, ridiculariza, conforme os comportamentos sociais. Também é bastante pedagógica, medida em que, critica e ao mesmo tempo ensina a reagir a certas situações.

O Funaná – surgiu no meio rural da ilha de Santiago. Possui um ritmo mais acelerado do que a Coladeira. É um género muito próximo do continente africano que apareceu graças ao acordeão produzido no país pelos portugueses para acompanhamento nas missas, e apropriado posteriormente pelos habitantes das ilhas para as suas canções.

¹⁵ MOACYR, Rodrigues. Citado por LOPES FILHO, João. **Introdução à Cultura Cabo-Verdiana**. Praia. ISE. 2003.pp 264

As letras do Funaná retratam a vivência da população e tal como a Coladeira critica e ridiculariza comportamentos e atitudes.

O Batuque – Típico da ilha de Santiago, e ainda hoje a sua presença reduz-se à referida ilha. É um género que manifesta a presença africana, e retrata as convivências sociais.

O Batuque nasceu com o Homem cabo-verdiano e apesar da tentativa do regime colonial em proibi-lo, conseguiu resistir e vem sendo praticado cada vez mais com muita força na ilha de Santiago principalmente em ocasiões comemorativas.

A Tabanca – É fruto da miscigenação, feita através de uma peregrinação dançante realizada durante os meses de Maio a Julho.

Era uma forma dos escravos nos dias de folga se reunirem para manifestarem contra o poder dos seus senhores. É uma festa de rua acompanhada de sons de tambor, búzios, apitos, palavras de ordem, dança de desfile etc, que se realiza nos meses de Maio a Julho.

Tal como o Batuque foi proibido pelas autoridades coloniais, mas resistiu, e a prova disto é que na ilha de Santiago ainda existe vários grupos de Tabanca nomeadamente Tabanca da Achada Grande, da Várzea, da Achada Santo António, de Palha Carga entre outros. Não tem o mesmo ritmo de outrora mas estão todos empenhados em manter vivo um dos elementos da nossa cultura.

Com o aparecimento das músicas cabo-verdianas nomeadamente a Morna e a Coladeira apareceu várias danças do salão como a Contradança, Mazurca, e a Valsa.

A Contradança –« Segundo vários estudos atribui-se a origem Europeia (França), através da fixação de alguns aventureiros franceses que fixaram residência na localidade de Fontainhas em Santo Antão.»¹⁶

Para essa dança usam-se trajas simples que antigamente eram usados no dia a dia. É considerada uma dança mais sensível em cabo Verde, em que de acordo com o ritmo e a música dispõe de dois movimentos. Os dançarinos formam duas filas, frente a frente, com damas de um lado e cavalheiros do outro lado. A dança é orientada por um Mandador que

¹⁶ HUMBERTO, Lima. *A Contradança em Cabo Verde*. In **Fragata. Revista de Bordo dos TACV**. nº 12. Dezembro 1996.

pronuncia os mandamentos em língua francesa, o que na leva a crer que a Contradança é mesmo de origem francesa.

A Mazurca, dança de origem Polaca, que evolui especialmente na ilha de Santo Antão nos primeiros tempos de embarcação em que se tocava gramofone e que as senhoras vestiam saias compridas. Para tocar mazurca utilizava-se o violino e, só mais tarde outros instrumentos como a viola, o violão, o cavaquinho, entre outros.

Era muito dançada antigamente nos bailes populares, baptizados, casamentos, guarda cabeça acompanhada de instrumentos acústicos. Actualmente é usada em noites cabo-verdianas.

A Valsa sempre foi dançada com menor frequência em relação à Mazurca e à Contradança. Dançada aos pares e com uma garrafa no meio da sala para que quem batesse nela pagasse uma cheia de aguardente.

Tal como as outras danças referidas anteriormente, era dançada em bailes populares, casamentos, baptizados etc.

Essas danças de acordo com Danny Spínola «representaram no início uma forma de diversão e de desconstracção, por não haver uma gramática elaborada com fins artísticos. Ainda segundo o mesmo autor, a tentativa de criação de uma dança moderna é muito recente, tendo sido iniciada por Daniel Rocha, utilizando como técnica o Ballet clássico, acabou por protagonizar a formação de várias gerações de dançarinos.»¹⁷

Neste sentido foram formados grupos de dança em todas as ilhas, sendo hoje notória a afluência de vários grupos que até representam o nosso país no estrangeiro. É o caso do grupo “Raiz di Polon” que tem uma significativa presença e espectáculos dentro e fora do país.

2.3 – Tradição Oral

«A Tradição Oral aparece como conservatório e o vector do capital de criações sócio-culturais acumulados pelos povos reputados sem escritura: um verdadeiro museu vivo. Nesta

¹⁷ SPINOLA, Danny. **A Cultura Cabo-verdiana – Breve apontamento**. In [www. ic. CV. / A % 20 CULTURA. doc](http://www.ic.cv/A%20CULTURA.doc).

óptica de pensamento durante muito tempo a oralidade foi a forma mais privilegiada para a transmissão dos conhecimentos em África. Segundo Birago Diop (...) «é através das histórias transmitidas de gerações em gerações que muitas vezes, nós descobrimos a sabedoria, a inteligência, os anseios, as preocupações, as lutas e a grandeza do povo de um país».¹⁸

Durante a colonização os colonos debruçavam-se nas tradições orais para melhor conhecerem a cultura dos africanos. Neste sentido podemos afirmar que a Tradição Oral é uma forma de transmitir a cultura de um povo.

Cabo Verde é um país com uma rica tradição oral que vem sendo assimilada pelos cabo-verdianos, talvez devido ao forte analfabetismo da população durante muito tempo.

Desta rica tradição são de realçar as estórias ou contos, os provérbios, adivinhas, superstições e credices, cantigas de trabalho, lendas, jogos entre outros.

Contos ou estórias- São conservado na memória das pessoas e transmitidas de geração em geração. Essas estórias muitas vezes têm uma função de transmitir mensagens de nível moral na sociedade, tendo assim um aspecto afectivo e didáctico. Da mesma forma serve para entretenimento durante a digestão das crianças antes de irem para a cama.

Através de muitas estórias descobrimos como viviam os nossos antepassados. É o caso da estória de Ti Lobo e Chibinho que retrata alguns momentos de crises que tivemos em Cabo Verde.

Contar estórias reúne fins emocionais relacionados com os medos, superstições, tabus etc (ex. quem conta estória de dia ta pela ôie). «As estórias só devem ser contadas depois do pôr-do-sol.»¹⁹

Provérbios são um modo de transmissão de sabedoria popular e, como tal, dos mais variados conhecimentos acerca das “coisas” da terra. Além de entretenimento intelectual são educativos porque exprimem valores e normas teóricas nos quais se baseia a cultura de um povo. Revelam também a imaginação e o espírito crítico e são formas comparativas de dizer as coisas, baseando-se em associações de ideias por semelhança, contraste ou contiguidade.

De uma forma geral os provérbios fazem parte da expressão da ideologia de um grupo dominante na prática quotidiana duma comunidade.

¹⁸ KIZERBO, J. *Historia Geral da África. Metodologia e pré – história da África*. Vol.I. Ática/ Unesco.1980.

¹⁹ HUMBERTO, Lima. *Tradição Oral Como Património*. In. AHN. Praia. AHN. 1998 p. 130

Adivinhas Populares são verdadeiros testes de inteligência, colocadas sob forma de enigmas que resultam de um processo de associar e comparar objectos, factos ou situações.

Para além de constituírem um sistema de ginástica mental, a tentativa de as decifrar conduz a reflexão e desenvolvimento do espírito das pessoas, ao mesmo tempo que demonstram o elevado grau de capacidade imaginativa dos “criadores” desses enigmas.

As adivinhas originalmente cabo-verdianas retratam sempre aspectos da nossa sociedade como é o caso de “tanque de ferro água de madeira (Candeeiro de petróleo”; “Um Homem com a sua faca na cinta (milheiro com a sua espiga) ”etc.

Os jogos tradicionais têm por fim o prazer lúdico, como também uma forma de ocupar os tempos livres. Nesses jogos usam-se objectos como dados, cordas, bolas, pedras, piões etc. De entre esses jogos podemos destacar “jogo de urim”, “saltá corda” “malha” “mata”etc.

Cantigas de trabalho são cantigas ligadas a actividades agrícolas, das aventuras e tragédias dos pescadores e marinheiros no mar, das mulheres nas ribeiras lavando roupas ou a mãe acalentando o seu bebé.

Essas cantigas têm uma função utilitária e de força aos trabalhadores.

Actualmente são pouco usadas, talvez por causa da mecanização dos instrumentos de trabalho, como é o caso do colá boi de Santo Antão que caiu em desuso por existir hoje na ilha poiucos trapiches movidos pela força dos animais.

Reza – é uma devoção praticada em todas ilhas de Cabo Verde, mas com motivações específicas por cada ilha. Antigamente era praticada nas igrejas mas com o tempo popularizou-se.

O objectivo da reza é pedir perdão a Deus pelos pecados cometidos ao longo da vida.

2.4- Medicina Tradicional

Medicina tradicional ou remédios caseiros começaram a existir em Cabo Verde logo após o povoamento das ilhas, pela razão de não existir médicos em cabo Verde, e mesmo depois quando ainda o número de médicos era reduzido.

Esta situação manteve-se até a independência de Cabo Verde, altura em que o número de médicos começou a aumentar.

Os europeus ao virem para Cabo Verde traziam algum barbeiro ou outros tipos de práticos em preparar vomitórios ou outra prática, mas muitas vezes iletrados.

Da África vinham os escravos que certamente ocupavam-se nos seus países da saúde dos seus compatriotas e que em Cabo Verde continuavam a exercer a mesma actividade.

Os remédios da medicina tradicional eram preparados a partir de partes de algumas plantas, de animais e mesmo alguns minerais.

É uma prática ainda usada em Cabo Verde principalmente nas zonas do interior, por acreditarem no poder da cura por meios tradicionais.

2.5- Superstições e Crençices

- **Crenças Populares**

A área da superstição é imensa e pode envolver a maneira de viver das pessoas que acreditam em factos ou seres que dão sorte ou azar, fazem bem ou mal, propiciar vantagens, polarizar maléficos, os quais variam consoante a imaginação do ser humano.

A ideia de superstição é sempre ambivalente, pois acredita-se que há sempre meios de anular força positiva ou negativa. Daí a existência de amuletos, encantamentos, orações e todo um arsenal supersticioso, destinado a defender do azar, e por vezes proteger do inimigo.

O povo cabo-verdiano acredita nas almas do outro mundo que as perseguem os vivos, emitindo estranhas vozes ou disfarçados em animais e vultos esquisitos como “gongons”, “bjon”, “catchorrone”, “canelinha”, “capotona”, “boi d’ boca de lume” etc.

Para muitos existiam certas famílias com poderes (feiticeiras, bruxas, curandeiros) responsáveis para fazer o bem ou o mal conforme o solicitado. Neste sentido acreditava-se que essas pessoas tinham poderes de separar um casal ou vice-versa, tornar alguém doente mental ou até mesmo matar.

Nesta óptica, surgiu “guarda cabeça” ou “noite de sete”, que consistia em guardar o recém-nascido na noite do sexto para o sétimo dias de vida, para que ele não fosse comido

pelas bruxas. Para defender a criança colocavam debaixo do travesseiro tesouras abertas, debaixo da cama facas e machados e por cima da casa deitava-se sal misturado com enxofre. A sala ficava cheia de gente que jogava, comia e bebia a vontade.

Hoje em dia ainda se faz o guarda cabeça mas com o propósito de se festejar, uma vez que dificilmente uma criança morre nos primeiros dias de vida, pois são vacinadas a tempo e hora e as mães são assistidas nos hospitais no momento do parto, evitando as infecções que provocavam as mortes, cujas causas desconhecidas, o que levava a procurar explicações em factores sobrenaturais.

De uma forma geral as superstições e crendices em Cabo Verde estão a cair em desuso, uma vez que com o desenvolvimento as pessoas acabam por ficar mais informadas, as ruas quase todas iluminadas, evitando o vaguear pelas noites das almas do outro mundo como muitos pensavam.

No entanto ainda se acredita em pessoas sábias, que dão bons conselhos e que fazem medicamentos para doenças complicadas, ou capazes de adivinhar o futuro.

2.6-Festas Tradicionais

A coabitação no mesmo espaço de elementos culturais europeias e africanas acaba por originar manifestações novas que integram aspectos do Cristianismo, rituais e crenças de origem africana, caso das tradicionais romarias ligadas aos santos padroeiros das ilhas ou mesmo das freguesias.

Essas festas são acompanhadas por missa, procissão e sermão, onde as pessoas aproveitam para pagar promessas feitas aos santos devotos.

Destacam-se algumas dessas festas que são comuns em todas as ilhas mas com algumas particularidades: Santa Cruz (3 de Maio), Santo António (13 de Junho), São João Baptista (23de Junho), São Pedro (29 de Junho). Todas elas são acompanhadas de tambores, apitos, e navios improvisados com espigas, rosários e roscas. A população dança e cola ao som dos tambores e apitos.

Em algumas ilhas como Santo Antão e Fogo apreciam-se as tradicionais corridas de cavalo.

Uma outra festa de grande envergadura é festa da bandeira ou Nhô São Filipe na ilha do Fogo. É uma festa profana e religiosa de raiz popular que atrai muitas pessoas todos os anos. Para além dessas festas mencionadas existe ainda um leque variado entre as diversas ilhas, aliás quase todos os concelhos tem com padroeira na ilha um santo, onde aproveitam para comemorar com muita pompa.

Para além dessas festas mencionadas, existe ainda um leque variado, conforme o santo padroeiro de cada ilha ou mesmo concelho.

2.7-Alimentação

A base da culinária cabo-verdiana é o milho. É usado diariamente sobretudo na preparação da cachupa, feita a partir do milho esfarelado no pilão onde posteriormente se junta outros ingredientes conforme a possibilidade de cada um. A cachupa é um símbolo de fartura e sendo assim ela não pode faltar na mesa todos os dias.

Para além da cachupa utiliza-se o milho moído para a papa, cuscuz, pasteis, “xerem” camoca, fongo, rolão bolo, brinhola, fonguinho entre outros.

A mandioca, a batata e o feijão ocupam-se um lugar de destaque tal como o milho, enquanto que outros géneros usados com menor frequência na alimentação, muitas vezes por servirem para aquisição de produtos de maior necessidade. É o caso dos ovos, da galinha ou mesmo de certas hortaliças.

O peixe é também bastante consumido devido a sua abundância nos nossos mares e sendo assim é vendido a um preço acessível a todos principalmente a cavala, a dobrada, chicharro etc. No entanto em algumas localidades torna-se difícil o seu consumo devido à falta de acesso.

Incluída na nossa culinária temos também a doçaria que tem uma forte tradição e função essencialmente caseira. A batata-doce não é só utilizada no caldo de peixe mas também para fazer doces, a semelhança da abóbora, da banana, do coco, do caju, do figo, da papaia etc.

As bebidas também são bem apreciadas com destaque para o grogue feito a partir do sumo da cana que chega a substituir as refeições de muitos. A partir do grogue preparam-se outras bebidas como licores, ponches, etc.

De uma forma geral o cabo-verdiano toma três refeições por dia: de manhã, ao meio-dia e à noite. As opções religiosas também ditam a dieta alimentar como por exemplo, os católicos não comem carne na Sexta-feira durante o período de Quaresma.

2.8-Vestuário

O vestuário tal como as outras manifestações culturais sofreu influências europeias e africanas, pois o povoador teve a necessidade de adaptar-se ao clima das ilhas para garantir a sua sobrevivência.

Existem vários tipos de vestuário de acordo com o sexo, a idade e mesmo a ocasião a tarefa a ser executada ou mesmo a condição social.

Durante o funeral as pessoas vestem de preto, e as mulheres levam um lenço a cabeça. Os parentes da vítima usam durante o luto roupas pretas ou azul carregado e conforme o tempo for passando aliviam as cores para mais claras.

O vestuário para o trabalho também varia, como por exemplo o agricultor ou criador de gado usam camisa de gola e manga comprida com calças enrolada até ao joelho, chapéu á cabeça e em maioria dos casos com os pés descalçados. Enquanto que as mulheres usam saias compridas, manga e lenço a cabeça. De uma forma geral podemos dizer que cada profissão tinha o seu modelo de vestuário como forma a facilitar o trabalho a ser realizado.

No entanto convém realçar que hoje em dia o vestuário sofreu muitas modificações não só pela evolução da nossa sociedade como também devidas as várias interferências de outras culturas na cultura cabo-verdiana. (ver pag. 47)

2.9- Observação

Apesar de termos apresentado somente essas manifestações não quer dizer que não existem outros, pois seria impossível apresentar de uma forma geral todas as manifestações da cultura cabo-verdiana, mesmo que existe particularidades entre ilhas e mesmo entre os concelhos.

Neste sentido apresentamos os mais comuns entre as várias ilhas e que de certa forma têm apresentado algumas interferências da cultura estrangeira.

CAPITULO III – INTERFERÊNCIA ESTRANGEIRA NA CULTURA CABO-VERDIANA

1-A Dinâmica das Sociedades

Todas as sociedades tanto antigamente como hoje, revelam uma série de manifestações fáceis de apreender. Pode-se dizer que uma sociedade pode alimentar-se da outra, mas dando uma interpretação diferente a cada traço assimilado.

«Á primeira vista, uma civilização parece-se como um cais de mercadorias, sempre a receber e a expedir bagagens heteróclitas»²⁰.

Mostra-se que as sociedades estão sempre abertas à aquisição de novos elementos, mas também à perda de alguns, isto porque a cultura não é estática, é um elemento vivo que precisa ser reanimada. Há que haver diálogo entre o passado e o presente.

²⁰ BRAUDEL, Fernand. (1987) **Gramática das Civilizações**. Paris Editorial Trorema.1989.pp44

Muitas vezes esse confronto entre o passado e o presente leva à perda de alguns valores, pois algo que fez sentido no passado pode não o ter depois devido as conjunturas da própria sociedade.

Cada sociedade está aberta em aceitar ou não um bem cultural de outro país conforme for as suas análises sobre o mesmo, pois um mesmo bem pode tornar em algo positivo ou negativo conforme for a seu encadeamento.

Essa recessão ou exportação de bens culturais pode ser uma técnica, aspectos ligados a língua, moda, dança, arquitectura etc. Por exemplo «um sociólogo, Gilberto Freyre, divertiu-se a elaborar a lista do que o seu país, o Brasil, durante os últimos décimos do século XVII e os cinco ou seis primeiros do século XIX recebeu a granel da Europa (...): a cerveja preta do Hamburgo, o cottage inglês, a máquina a vapor (...), o fato branco para o verão, os dentes artificiais (...) Da mesma forma muitos historiadores crêem que a moda chinesa da época dos T'ang, no século VII d.C. chegou na ilha do Chipre, bem como na corte dos Lusignan (corte de Carlos V) no século XV, e que mais tarde difundiu-se até chegar em França.»²¹.

Além desses acreditam ter milhões de exemplos principalmente com as descobertas marítimas iniciadas no século XV que vão permitir mais circulação de pessoas, bens, conhecimentos de novas terras e difusão de novas culturas.

É com as viagens marítimas que chega ao arquipélago de Cabo Verde, permitindo o cruzamento de culturas diferentes e o nascimento de uma nova cultura. Essa cultura no entanto tal como a de qualquer sociedade continuou a sofrer influências de outras culturas, um assunto que falaremos mais a frente.

No entanto é bom, realçar que hoje em dia os bens culturais circulam com maior facilidade do que no início das descobertas marítimas, pois com o desenvolvimento dos meios de comunicação e com a era da globalização todo o mundo ficou mais próximo, permitindo maiores contactos e consequentemente maiores interações culturais ao qual Cabo Verde não pode escapar.

²¹ Op.cit. BRAUDEL, Fernand 1989, pp 45

2-Factores que permitiram as interferências na cultura cabo-verdiana.

Cabo Verde sempre foi um país aberto ao mundo desde o seu povoamento, servindo como ponto de chegada e de partida contribuindo assim para o cruzamento de diferentes povos e consequentemente culturas diferentes.

Desde o povoamento tivemos ligações com os continentes europeu, africano e americano, servindo como porto de escala do tráfico de escravo e mais tarde como porto de abastecimento de carvão para os navios que faziam a ligação entre a Europa e as Américas nas suas rotas comerciais.

Neste sentido podemos afirmar que Cabo Verde desde os primórdios da formação da sua sociedade esteve em contacto com povos de diferentes culturas.

Este encontro de povos continua até hoje, fazendo com que cada vez mais coabitem no seu território pessoas vindas de vários continentes. A prova real disso foi o desfile que aconteceu a quando da comemoração do trigésimo aniversário da Independência de Cabo verde com centenas de imigrantes de países diferentes.

Esses imigrantes chegam às nossas ilhas com o propósito de praticar o turismo ou também a procura de melhores condições de vida do que aquela que eles têm nos seus países, e muitos acabam por constituir famílias com cabo-verdianos, aumentando ainda mais a probabilidade de mudanças culturais. Pois é evidente que qualquer pessoa ao sair da sua sociedade de origem leva traços da sua cultura, e mesmo que a sociedade de destino impuser as suas regras pouco a pouco acaba por transmitir aos nativos do território de acolhimento que convivem com ele alguns traços da sua cultura. Aliás como já referido anteriormente, a cultura não é estática, está em constante transformação, o que temos que fazer é conhecer a nossa cultura e evitar a perda da nossa identidade através do contacto com outras culturas.

Neste sentido Cabo Verde não foge à regra e devido a esta coabitação de culturas diferentes temos notado vários elementos na cultura cabo-verdiana resultantes de interferências estrangeiras.

A emigração também permitiu desde muito cedo o contacto dos cabo-verdianos com outras culturas, pois a emigração é um fenómeno estrutural que remota décadas na sociedade cabo-verdiana. Foi a única forma que os cabo-verdianos acharam para se escaparem das secas cíclicas que assolaram as ilhas.

Neste sentido muitos emigram motivados pelas condições socio-económicas e a ambição de mudar de vida e ascender socialmente uma vez que ao regressarem sonham em comprar propriedades, trazer carro e fazer uma boa casa.

Segundo José Andrade «Cabo Verde, já no século XV, a priori terra de imigração, deu origem, após um longo e secular processo de adaptação, aculturação e de afirmação cultural, a uma sociedade eminentemente emigratória»²².

Isto quer dizer que o cabo-verdiano tem na formação da sua identidade o fenómeno migratório, pois tendo uma sociedade formada a base de imigrantes de vários países, leva com que haja na emigração uma forma de vida melhor e de ascensão social.

A emigração cabo-verdiana tem características diferentes conforme a época e o destino fazendo com que as influências tenham características bem diferentes. Por exemplo a emigração para a Guiné que ocorreu no século XVIII, ou a emigração para São Tomé, Angola e Moçambique nos finais do século XIX trazem poucas influências uma vez que foi uma emigração forçada, com condições desonrosas e escravocratas.

O mesmo já não acontece com a emigração para os continentes americano e europeu onde as condições foram outras. Aliás ao analisarmos as interferências estrangeiras na cultura cabo-verdiana constatamos que na sua maioria vêm desses dois continentes.

Essas interferências acontecem porque os emigrantes pouco a pouco assimilam novos aspectos culturais mesmo como forma de melhor integração no país de acolhimento, uma vez que estando num país diferente é mais fácil a socialização se estiverem integrados nos hábitos e costumes, sobretudo quando se trata de longas estadias, é quase impossível não adquirir hábitos e costumes.

«Um encontro com a cultura diferente daquela que pertence ao emigrante e a confrontação de valores e modelos tradicionalmente opostos ou diferentes determinam o surgimento de comportamentos e atitudes contrapostos (aculturação, integração, desagregação)

²² ANDRADE, José. **Migrações cabo-verdianas**. In AHN. **Descoberta das Ilhas de Cabo Verde**. A.H.N. Praia. 1998. p.70.

e obriga-o a individualizar, na família e nas instituições religiosas, os elementos sociais e os valores ligados á cultura do lugar de origem.»²³

Esses comportamentos e atitudes muitas vezes são trazidos pelos emigrantes ao regressarem para a terra natal que acabam por ser assimilado pelos nativos.

Segundo Eugénio Tavares «o cabo-verdiano quando regressa não traz só dólares, se não luzes (...) modifica o seu modo de ser mortal (...) aprende a encarar a vida por um prisma elevado, cria necessidades que lhe educam a vontade em lutas mais pobres» (...)»²⁴

A referência aos dólares recordamos a Brava, terra natal do poeta, ilha de onde «talvez terão os primeiros emigrantes para os Estados Unidos, no contexto da pesca da baleia.»²⁵

Também Eugénio Tavares retrata as mudanças que o emigrante traz ao regressar. Ele fala de uma nova mentalidade, uma forma diferente de encarar os problemas da sociedade, repercutindo-se na vida social e cultural do país, pois trazem uma nova filosofia de vida.

De igual modo os estudantes, que no estrangeiro frequentam universidades com estudantes de diversas nacionalidades e culturas, em situação de convivência intercultural relativamente prolongadas, acabam por participar de um processo de aculturação, com difusão e assimilação de traços culturais de diversas origens. Isto é tanto mais importante por se tratar de jovens, mais abertos á mudança.

Todas essas mudanças, essas relações com culturas diferentes muitas vezes provocam um certo desenraizamento em relação a cultura de origem, ficando os emigrantes por vezes mais próximos da cultura de acolhimento, especialmente os emigrantes da segunda geração.

No entanto é bom realçar a pertinência daqueles que nunca distanciam da sua verdadeira cultura, e mesmo que no trabalho têm de partilhar hábitos diferentes, em casa procuram falar a língua, confeccionar os pratos tradicionais e transmitir os valores cabo-verdianos aos seus filhos. É caso para afirmar que são aqueles que conhecem bem a nossa identidade e o valor da preservação da cultura de um povo e por isso conseguem resistir as influências.

²³ MONTEIRO, César Augusto. **Comunidade Imigrada Visão Sociológica o Caso da Itália** Edição do autor.S.Vicente.1997.pp58

²⁴ TAVARES, Eugénio. Citado por FURTADO, Cláudio. In **A Transformação das Estruturas Agrárias numa Sociedade em Mudança – Santiago, Cabo Verde**. Edição do Instituto Cabo-verdiano do Livro. Praia1993.

²⁵ ANDRADE, José. Migrações cabo-verdianas. In **Descoberta das Ilhas de Cabo Verde**. A.H.N. Praia. 1998. P.74

As interferências não são causadas somente pela migração, pois a liberalização dos meios de comunicação, tem contribuído também para o grande fenómeno de aculturação, principalmente a televisão, revistas, vídeos, cinema e ultimamente a Internet em que o mundo todo ficou conectado na rede mundial de computadores, e Cabo Verde não fica para trás. Tudo isto motivado pela era da globalização, permitindo o contacto com várias culturas ou seja estamos numa era da interculturalidade no qual se cada comunidade não assumir e preservar a sua identidade corre o risco de ser tragado por grupos mais poderosos, Cabo verde, país pequeno, e com fracos recursos, fica mais vulnerável a culturas diferentes.

Recentemente também temos notado um grande fluxo de rabitantes cabo-verdianos, principalmente em direcção aos continentes europeu e americano que no trajecto trazem na bagagem não só objectos como também comportamentos e atitudes pouco a pouco assumidas como se fizessem parte da nossa cultura.

Todas essas interferências têm repercutido em vários aspectos da sociedade cabo-verdiana, fazendo com que seja notável comportamentos e atitudes já bastantes presentes na nossa sociedade.

3-As Influências na Cultura Cabo-Verdiana

Como referido anteriormente Cabo verde está desde há muito tempo em contacto com várias partes do mundo, primeiramente porque fomos colonizados por europeus que na tentativa de explorar as nossas ilhas fez chegar pessoas com nacionalidades diferentes, mesmo também Cabo Verde durante muito tempo serviu como interposto comercial o que fazia com que aqui chegassem pessoas de diferentes espaços geográficos e culturais. Primeiramente portugueses e espanhóis e mais tarde pessoas de outros países como Inglaterra, França, Holanda etc.

Mais tarde Cabo Verde vai continuar os contactos, com o estrangeiro através da emigração, dos cabo-verdianos que se deslocam para o estrangeiro à procura de uma vida melhor, como também através de turistas ou comerciantes que se deslocam às nossas ilhas. Também os «mass média» contribuem para a divulgação de novidades, rapidamente adoptadas pelos cabo-verdianos principalmente os mais jovens, que constituem o grupo mais permeável, pois hoje em dia, na verdade é difícil encontrar uma família que não tenha um meio de comunicação, principalmente a televisão, o que contribui muito para a alteração de alguns hábitos, especialmente na ocupação dos tempos livres. Neste sentido, podemos afirmar que os programas de televisão, com destaque para novelas e jogos de futebol, foram a pouco e pouco substituindo espaços tradicionais privilegiados de convivências familiares e entre amigos (jogos de cartas, conversa entre compadres durante os jogos de carta ou urim, entre as mulheres na soleira da porta, serões em famílias, brincadeiras de crianças) impondo-se a todas as faixas etárias.

Relativamente a emigração, os cabo-verdianos ao chegarem aos países de destino, são confrontados com realidades culturais muito diferentes da nossa, que acabam por assimilar devido ao prolongamento do tempo de permanência – até 40 e mais anos – conduzindo muitas vezes à integração na cultura de acolhimento e frequente desenraizamento em relação à cultura de origem.

Essa assimilação de aspectos de outras culturas quer pela migração ou através dos meios de comunicação acabam por se repercutir nos nossos hábitos, costumes e tradições tanto na língua música, dança, como a nível da culinária, vestuário, religião, arquitectura, industria, consumo, entre outros.

a) Língua

A língua cabo-verdiana formou-se do cruzamento de duas línguas diferentes vindas da África e da Europa. Com o povoamento das ilhas coabitou nas nossas ilhas duas línguas diferentes, que, com as suas convivências fez nascer uma língua tão singular que é a língua crioula. Este crioulo, a nível da estrutura actualiza-se de forma diferente, de ilha para ilha.

«O crioulo cabo-verdiano, como os crioulos em geral, procede de uma fase inicial bilingue, a que se teria seguido, a breve prazo, uma outra em que o africano haveria já assimilado uma estrutura gramatical simplificada do português.²⁶

Sendo assim existem em Cabo Verde duas línguas com uma convivência que remota séculos: a língua crioula que é a nossa língua materna e a língua portuguesa que é a herança deixada pelos nossos colonizadores, hoje comumente chamado de língua segunda.

A língua materna é a língua do nosso dia a dia, a que dominamos melhor, e a portuguesa é a língua falada nas escolas e em ocasiões oficiais nosso país.

No entanto notam-se no seio da na nossa sociedade expressões vindas recentemente de outras línguas como é o caso do francês, do inglês, do português do Brasil entre outros. Essas influências chegam nas nossas ilhas através da emigração e pelos meios de comunicação.

S em dúvida que a língua é o principal veículo de comunicação entre os povos, mas para que isso aconteça de forma saudável há que haver um certo entendimento entre o emissor e o receptor. Nesta óptica os emigrantes ao se fixarem num determinado país sentem a necessidade de se comunicarem com uma língua diferente da materna para que haja uma boa convivência principalmente do trabalho que é o principal motivo da partida. Ao regressarem trazem algumas expressões que acabam por ser transmitidas no seio da nossa sociedade.

De entre as várias expressões usadas temos: Merci, Cheri, Bonjour, Pardon, Nom, Cheveux, Jamais, argent, entre outros, importados do francês. Há também expressões inglesas introduzidas desde o século XVIII no tempo em que os ingleses estiveram instalados em São Vicente com as companhias carvoeiras que fizeram com que o Porto Grande durante muito tempo estivesse na rota do Atlântico.²⁷ Os cabo-verdianos ao trabalharem para eles acabam por assimilar expressões usadas até hoje, caso de half na half, sometime, Something, Sleep etc.

Essas mesmas expressões eram também assimiladas através da prostituição, em que as profissionais do sexo contratavam homens (sincerones) que iam buscar os fregueses ao cais e

²⁶ DA SILVA, Baltazar Lopes. Citado por LOPES FILHO, João. In **Introdução a Cultura Cabo-Verdiana**. p. 234.

²⁷ Com a revolução industrial levado a cabo pela Inglaterra houve a invenção da máquina a vapor, tendo como combustível o carvão, fez com que os ingleses procurassem espaços onde seria possível a extracção do material necessário para fazer mover os meios de transporte, bem como as máquinas usadas na indústria.

leva-los para o Monte (sitio onde elas iam receber os homens). As próprias prostitutas tinham de aprender certas expressões para viabilizar os encontros.

Recentemente também temos notado outras expressões oriundas principalmente dos Estados Unidos, muito utilizadas pelos mais jovens, provavelmente introduzidas por retornados daquele país, constituindo quase grupos à parte, muitos dos quais designados pela população de «thug's» (bandidos).

Geralmente os retornados são filhos de cabo-verdianos nascidos no país da emigração, têm uma educação diferente e que acabam por trazer consigo uma visão social, económica e cultural diferente aos cabo-verdianos no país, principalmente os mais jovens que imitam os traços das outras culturas trazidos por eles. Na maioria dos casos são influências muito negativas.

Como vocábulos oriundos dos Estados Unidos temos: brother, fish, boy, man, kool, okey, nice, yes, tour, never, bike. Há também expressões brasileiras apreendidos através das novelas como também pelos estudantes que se deslocam àquele país. Entre várias expressões temos galera, parada, megera, entre outros.

Achamos que estas expressões acabam por fazer parte do dia a dia de muitos cabo-verdianos que ao falarem na língua materna vão pronunciando certas expressões de outras línguas.²⁸

Esses vocábulos de línguas estrangeiras também são introduzidas na nossa língua através do ensino, principalmente o francês e o inglês. Os alunos ao aprenderem expressões de uma língua diferente ficam tão empolgados que começam a usa-los fora da escola, até acham que é uma forma de ser notado perante os outros. Essas expressões de outras línguas são ouvidas por familiares que começam a usá-las também, e pouco a pouco assimiladas por elevado número de pessoas.

²⁸ Um exemplo vivo disto foi uma conversa que eu presenciei entre uma emigrante na França e outro cabo-verdiano que mandava um recado a sua madrinha: «bá bó d'zé nha madrinha, oui, que min bá lá hoje, nom, mas e'me tá bá fim-de-semana, d'accord.

Da mesma forma essas expressões são apreendidas pelos meios de comunicação, nomeadamente vídeos, filmes e pela televisão.

b) Música e Dança

A interferência estrangeira também está bem patente na nossa música e dança desde a origem da morna, que segundo muitos estudiosos manifesta a saudade portuguesa e uma volúpia e sensualidade negra.

Segundo José Lopes “ as teorias da origem Cabo-verdiana da morna, neste caso da formação da palavra e do género, refere a formação de canções Alentejanas do afro- europeu chamadas *mornas* e da existência na Martinica do termo *morne*²⁹”

Isto mostra que a nossa música está sofrendo influências desde os primórdios da formação da sociedade cabo-verdiana.

Mas actualmente a nossa morna ultrapassou as fronteiras de Cabo Verde sofrendo algumas influências, tendo em conta que, os artistas como a Cesária Évora, Bana ,Celina Pereira entre outros, em muitos dos seus concertos deixam-se levar por alguma influência do país onde eles residem. Podemos constatar isso principalmente nas interpretações da Celina Pereira em que parece haver uma certa sonoridade do fado.

Essas interferências do país de residência fazem com que muitas vezes o produto final da música seja um pouco diferente da tradicional cabo-verdiana, isto porque muitas vezes os nossos artistas são jovens nascidos ou criados na diáspora.

Temos o caso do grupo Voz de Cabo Verde «formado em 1964 na Holanda que para além de cantar a Coladeira cantava outros estilos de ritmos Latino-americanos.»³⁰

Ainda segundo Wladimir Monteiro «Nos finais dos anos 80, a revolução do Funaná, ocorrida em Cabo verde, e os frutos dos movimentos de retorno as fontes dão origem, na

²⁹ RODRIGUES, Moacyr et al –**A Morna na Literatura Tradicional**. Mindelo. Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco. 1996.

³⁰ MONTEIRO, Wladimir. **Cabo Verde, 30 anos de Música-1975-2005**. In CORREIA&SILVA, Filinto Elísio (Coord.). **Cabo Verde 30 anos de Cultura**, 1975-2005. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2005.

Europa, a partir da Holanda, a um novo movimento ou estilo (...), mas um estilo diferente daquilo que se pratica no arquipélago (...), esses jovens cabo-verdianos de Roterdão ou Paris vão juntar à Coladeira e Funaná toda uma instrumentação e tecnologia, obtendo deste modo uma nova sonoridade».³¹

Talvez os avanços técnicos e a necessidade e desejo de gravar nos países de emigração (Holanda, EUA entre outros), sejam em parte responsáveis por muitas alterações no estilo musical de vários grupos. Isto é compreensível sobretudo no caso de grupos musicais nascidos na Diáspora, constituídas por jovens cujas influências musicais mais importantes radicam nesses países. Exemplificando alguns grupos temos «Livity», Gil and the Perfects, Splash entre outros. Analisando bem podemos ver que a interferência do estrangeiro nesses grupos começa mesmo nos nomes em inglês. Mas é necessário realçar que fazem trabalhos de qualidade e com muita aceitação.

Esta evolução de instrumentos não ficou só na diáspora, mas chegou também às nossas ilhas, substituindo as antigas orquestras de instrumentos acústicos por instrumentos electrónicos. Também apareceram as discotecas que vieram substituir os tradicionais bailes nos terreiros, e contagiam principalmente os mais jovens, e também divulgam novos estilos, novas músicas, novos ritmos, novas danças e imagens.

Relativamente a esta nova forma de fazer música existem aqueles que preferem cantar letras crioulas mas com estilos bem diferentes da nossa música. São influências principalmente do Zouk das Antilhas. Há uma mistura da Coladeira com Zouk que é denominada de Cola-Dance, Colá-Zouk ou Zouk Love. Sobre Este assunto José Augusto Timas é de opinião que «a Coladeira tende a desaparecer sufocada pelo Zouk ».³²

Dos vários artistas cabo-verdianos que preferem o Zouk-Love, temos o caso da cantora Suzana Lubrano que faz um grande sucesso dentro e fora do país, principalmente nos países africanos onde ela foi vencedora do prémio «Cora Word», do cantor Beto Dias, Djonny Ramos, entre outros.

No tocante a este aspecto os artistas Cabo-verdianos têm opiniões divergentes. Vejamos algumas opiniões: Paulino Vieira é de opinião que «cantar Zouk em crioulo não quer dizer

³¹op cit. MONTEIRO, Wladimir. In CORREIA&SILVA, Filinto Elísio (Coord.). **Cabo Verde 30 anos de Cultura**, pp 108.

³² TIMAS, José Augusto. Citado por MONTEIRO, Wladimir. In op cit pag 109

que é a nossa música. É usar música do outro com letra crioula». Para Dany Silva «em Cabo Verde há alienação, mas não há mal nenhum em cantar Zouk com letras crioulas». Já Daniel Rendal acha que «A nossa forma de estar no mundo e de tomar as coisas dos outros faz pensar mesmo que no futuro teremos ‘Zouk cabo-verdiano’»

Seguindo a mesma linha de pensamento desses músicos somos de opinião que nunca devemos rejeitar aquilo que serve para o enriquecimento da nossa cultura, mas se queremos nacionalizar-se temos de afirmar a nossa identidade, ou seja, é bom aproveitar o que vem do exterior, mas nunca deixar de lado aquilo que é nosso, ou pensar que o que vem de fora é melhor.

Um aspecto importante que é necessário realçar tem a ver com a existência de fracos recursos em Cabo Verde, situação que agrava a dependência económica dos artistas, que ao produzirem qualquer trabalho pensam logo no mercado, fazendo com que haja influências de acordo com a conjuntura da época.

Actualmente tem aparecido outros grupos na diáspora e mesmo em Cabo Verde que compõem e cantam letras cabo-verdianas em estilo rap e hip-hop, que para Wladimir Monteiro «Não se trata de uma inovação mas de uma cópia pura e simples do que fazem os jovens negro-americanos e outros».³³

A nível da dança podemos falar da contradança «introduzida em Cabo Verde por volta do séc. XVIII, por aventureiros franceses que se fixaram residência na ilha de Santo Antão influenciando até certo ponto a cultura local como é o caso da contadança»³⁴

Da mesma forma é frequente encontrarmos alguns grupos que preferem os estilos estrangeiros como o caso de samba do Brasil, da “dança do esquema”, da “passada”, “Kizumba” vindos de Angola. Outro estilo que não fica para trás é do Deca que é um ritmo que aparece muito nas nossas discotecas como também tocadas nas nossas rádios.

Ultimamente temos a presença da capoeira uma dança identificada como sendo brasileira que criou raízes no nosso país, pois já existe até associação para o apoio da capoeira em Cabo Verde.

³³ Op. Cit. MONTEIRO Wladimir. .pag 113

³⁴ Lima, Humberto. In Fragata. Revista de Bordo dos Transportes Aéreos de Cabo Verde- TACV. Nº 2. Dez.1996.

Como forma de síntese gostaríamos de afirmar que mesmo recebendo influência de outras culturas é necessário defendermos as nossas raízes musicais, mas para isso temos de apoiar naqueles que cantam música genuína da nossa terra, porque se soubermos aproveitar dos ritmos estrangeiros podem contribuir para o enriquecimento da nossa música, mas não espelham as nossas raízes musicais.

c) Culinária

A culinária cabo-verdiana sofreu ao longo dos tempos várias modificações permitindo novos hábitos alimentares dos cabo-verdianos. Essas mudanças têm a ver com o desequilíbrio ecológico, os fracos recursos que dispomos, bem como a emigração e os meios de comunicação que vão proporcionar alternativas na nossa dieta alimentar, sem contar a enorme abertura económica e o aumento do poder de compra das populações.

Devido aos fracos recursos económicos são importados vários géneros como por exemplo passam a usar mais batata e arroz do que o milho, e igualmente o óleo vegetal e a manteiga, também passam a ter mais preferência do que a banha de porco caseira, feita anteriormente. Também podemos notar algumas semelhanças da gastronomia portuguesa na Cabo – verdiana, como é o caso da caldeirada. Da mesma forma a introdução de novas bebidas como whisky, gin, cerveja, vinho e mais recentemente vários tipos de refrigerantes e sumos.

São notórios também géneros importados de outros países como hambúrguer, ketchup, cachorro quente, pizza entre outros produtos enlatados. Da África chega o «Chuawarma» comercializado em diversos bares e restaurantes de Cabo verde, aliás a gastronomia tradicional cabo-verdiana é muito pouco divulgada nos nossos restaurantes, que preferem servir pratos estrangeiros em detrimento dos nacionais.

Outra influência no hábito dos cabo-verdianos em usarem pão para acompanhar a sopa e a canja, como também a preferência pelas massas, e o uso do vinho durante as refeições.

Os emigrantes também introduziram o hábito das saladas que antigamente não faziam parte da ementa cabo-verdiana.

A emigração e a abertura económica de Cabo Verde vão permitir alterações na utilização de alguns utensílios domésticos, especialmente com a introdução de electrodomésticos. Isto também motivado pela melhoria das possibilidades económicas dos familiares dos emigrantes.

Outro aspecto a nível da alimentação é a criação de estabelecimentos comerciais por familiares de emigrantes e mesmo por aqueles que procuram a forma do sustento através do comércio. Com esses estabelecimentos vários produtos de origem estrangeira chegam Cabo Verde, passando a fazer parte do consumo nacional, muitas vezes superando os produtos nacionais.

d) Vestuário

A nível do vestuário também são notórias as influências, principalmente da Europa e da América e, em menor influência da África. Essas influências também são trazidas pelos emigrantes que ao regressarem tentam exhibir tudo o que conseguiram juntar, tentando transmitir para os que ficam a ideia de que a emigração é a melhor solução para ultrapassar a crise. Chegam também pelas remessas enviadas aos familiares ou pelos rabidantes que procuram o meio de subsistência através da compra e venda de produtos fabricados no estrangeiro ou pelos imigrantes que residem no nosso país, como também pelos meios de comunicação.

Neste sentido tornou-se notório o uso da ganga, roupas unisexo, t-shirts e os enfeites de metal e plástico bem como o ouro e prata nomeadamente colares, pulseiras, brincos e anéis, pois é difícil encontrar um cabo-verdiano que tenha um familiar emigrante que não tenha um objecto de ouro ou prata para o uso pessoal ou para a venda. Há até mesmo rabidantes cujas vendas se resumem a objectos de ouro e prata. Relativamente a este assunto, basta circular pelas ruas da capital para ver que é difícil encontrar um cabo-verdiano que não tenha um objecto de ouro.

Ainda no que concerne à moda, frequentemente encontram-se em Cabo-verde pessoas com lenços à cabeça (principalmente os mais jovens) representando a bandeira dos Estados

Unidos da América. Também as calças tornaram-se mais largas e colocadas na abaixo da cintura. As “t-shirts” (camisa) são também compridas e largas. Os sapatos mais usados são ténis de várias marcas americanas e europeia entre as mulheres nacionalizou-se o uso das mini-saias, sapatos altos e chinelos importados principalmente do Brasil.

Também tornou-se hábito o uso de roupas tipicamente africanas o que achamos que são introduzidas pelos vários imigrantes que residem em Cabo Verde, pois a comunidade africana em cabo verde é cada vez mais elevada.

Acompanhando a evolução da moda, os cosméticos passaram a fazer parte dos acessórios da beleza, sendo pouco os estabelecimentos comerciais no país onde não seja possível adquirir esses produtos importados principalmente dos Estados Unidos, Brasil e Portugal e de alguns países da África caso do Senegal. Entre vários produtos, temos Champô, desfrizantes, cremes, vernizes e batons. O lenço tradicional na maior parte deixou de ser usada á cabeça, pois as pessoas preferem ir aos salões de cabeleireiros, ou fazer as tranças tipicamente afro-americanas.

A moda é igualmente influenciada pelos meios de comunicação, principalmente através das novelas brasileiras que já contagiaram quase todos os cabo-verdianos. O que temos constatado é que durante o decorrer de uma novela, as músicas, o vestuário ou mesmo a linguagem são reproduzidas no seio dos cabo-verdianos. As roupas chegam pelas mãos dos rabidantes e as músicas adquiridas nas discotecas.

Por exemplo, enquanto estava em exibição a novela «O Clone» as pessoas utilizavam muito as roupas do estilo marroquino e a dança preferida era a do ventre.

Com aos vários retornados que tem chegado ao nosso país a introdução dos «gang's» na maioria rapazes, quando saem a rua usam sempre roupas com características apresentadas anteriormente e da mesma cor (geralmente em tons coloridas como rosa, vermelho) e em alguns casos negro. Um ornamento indispensável para eles é o chapéu também em tons colorido e curiosamente sem tirar a etiqueta.

No entanto a evolução da moda diminuiu muito as diferenças sociais em Cabo verde, principalmente entre as mulheres. «Em Cabo Verde, as mulheres ostentavam tradicionalmente brincos, colares, anéis, pulseiras, etc. (sobretudo em festas ou ocasiões solenes), ou objectos

de oiro (uma espécie de gratificação do ego), que ajudam a distinguir as posições na hierarquia social (...), através dos tempos (...), no arquipélago a evolução demonstra influências diversas distinguindo os cuidados para o uso diário ou o dos momentos festivos, com uma forte tendência para o desaparecimento das diferenças e um nivelamento nos hábitos de vestir e de cuidar do cabelo em cabo Verde»³⁵

Relativamente a este assunto somos de opinião que tudo isto é graças a abertura de Cabo Verde ao mundo, permitindo varias relações comerciais, fazendo com que os produtos chegam á preços acessíveis para todos.

e)Religião

A nível da religião, temos a católica introduzida pelos portugueses na época da colonização. Nesta época a igreja desempenhou um papel importante na aculturação dos africanos pois através do baptismo e do ensino do catecismo muitos acabavam por se converter ao catolicismo. Isto pode explicar um grande número de católicos em Cabo Verde, até hoje.

Com a descoberta de novos mundos os europeus questionaram a forma como eram transmitidos os ensinamentos bíblicos fazendo com que houvesse uma revolta no seio da igreja provocando a chamada Reforma Protestante, que daria inicio a outras seitas religiosas com princípios um pouco diferentes do catolicismo. Essas novas formas de encarar a vida espiritual vão se propagando por todos os continentes e com o tempo chegam a Cabo Verde por intermédio de emigrantes, contribuindo para diminuir o numero dos fieis católicos e o peso do catolicismo.

Nesta óptica, podemos referir a Igreja Nova Apostólica introduzida a partir de 1982 e que se encontra presente em todas as ilhas com um número razoável de fieis.

Há também a Igreja Nazarena que foi introduzida em Cabo Verde nos finais do século passado através da ilha Brava por emigrantes dos Estados Unidos. Neste momento encontra-

³⁵ LOPES FILHO, J. Manifestações Culturais cabo-verdianas. In Jornal Arte e Letra .nº 74. Dezembro 2005. pag. VI.

se em todas as ilhas de Cabo Verde. Também há que referir Igreja Adventista do Sétimo Dia, igualmente introduzida em Cabo Verde através de emigrantes da ilha Brava nos Estados Unidos. Essa igreja foi introduzida em Cabo Verde por volta de 1941. Da África podemos falar do Islão que entrou em Cabo Verde após 1975 por intermédio de imigrantes muçulmanos. Essa religião tem crentes em quase todas as ilhas de Cabo Verde e já há um número razoável de cabo-verdianos que aderem a essa confissão religiosa, havendo inclusive uma casa de oração (mesquita).

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é outra influência dos Estados Unidos introduzida em Cabo Verde desde 1989. Actualmente encontra-se nas ilhas de Santiago, Fogo, S. Vicente, Santo Antão, São Nicolau e Sal. Ainda temos a Igreja Universal do Reino de Deus, e, a igreja a Pentecostal «Deus é Amor» introduzida em Cabo Verde desde 1990 e está presente nas ilhas de Santiago, Fogo, Sal e São Vicente, que são influências do Brasil. Do continente americano há também as Testemunhas de Jeová.

A Assembleia de Deus tem a sua presença em Cabo Verde desde Janeiro de 1989 mais precisamente na ilha de Santiago.

f) Arte

A arte em Cabo Verde tem-se desenvolvido em várias facetas, motivadas por grandes transformações, notando-se uma certa evolução e introdução de novos estilos, principalmente na arquitectura e na pintura.

A nível da arquitectura os emigrantes ao construírem na terra natal integram os modelos arquitectónicos europeus existentes em Cabo Verde, mas mudam os antigos que foram trazidos pelos colonos para outros mais modernos.

Também muitas vezes os imigrantes ao fixarem residência no nosso país constroem habitações de acordo com o estilo das suas origens.

As casas tradicionais estão a ser substituídas por duplex, casas cobertas de telhas e vivendas. Torna – se difícil ver nos centros urbanos e mesmo rurais casas cobertas de palha ou

feitas de lata, todos querem ter uma casa bem arranjada tanto como forma de se adequar mais a moda como também para o maior conforto.

Quanto a pintura segundo Danny Spínola «não teve uma força e uma presença relevante no período colonial como aconteceu com a literatura».³⁶ Neste sentido pode-se afirmar que nesta época não se pode falar de pintura.

Mas com a evolução da sociedade cabo-verdiana permitindo algumas formações no exterior a arte ganha novos contornos, principalmente após a independência onde há uma necessidade de afirmação da nossa cultura. Nesse período aparecem figuras de heróis, paisagens, cenas de vários tipos de trabalho nomeadamente a escravocrata.

Após 30 anos da independência nacional temos notado um fluxo de artistas cabo-verdianos que promovem exposições dentro e fora do país divulgando a nossa pintura.

Mas esses artistas em contacto com outros no estrangeiro ou através dos média provocam o contacto com outras realidades permitindo que a pintura cabo-verdiana receba certas interferências estrangeiras como também evoluções que para Danny Spínola «corresponde a um invólucro modernista e contemporâneo, na linha das revoluções pictóricas mais recentes, acontecidos nos E.U.A.e na Europa» (...) ³⁷

Pode-se falar dos pintores que vivem na diáspora, e nas suas exposições adoptam este género surgido nos E. U. A. e na Europa após os anos 50/ 60.

Outra influência tem a ver com o uso de mobiliários feitos em bambu, bem como decorações de madeiras representando imagens dos países do continente. Esses objectos são introduzidos em Cabo Verde pelos emigrantes e seus familiares, como também por outras pessoas que adquiram-nos através dos negociantes.

g) Meios de Transportes

³⁶ SPINOLA,Danny. Uma Visão Panorâmica Sobre As Artes Plásticas. In CORREIA E SILVA, Filinto Elísio.(coord.). **Cabo Verde 30 anos de Cultura**, 1975-2005.Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.Praia 2005.pp.288.

³⁷ Op cit SPINOLA, Danny. In CORREIA E SILVA, Filinto Elísio.(coord.). **Cabo Verde 30 anos de Cultura**, pag 290.

No tocante ao uso dos meios de transporte é notória uma profunda mudança, pois, as pessoas já não andam a pé quando se deslocam a grandes distâncias, nem transportam cargas à cabeça. O uso do burro e do cavalo quase extinguiram-se ninguém já se atreve a deslocar-se nas estradas de burro ou cavalo pois pode ser motivo de troça principalmente pelos mais novos, uma vez que todas as pessoas querem obter o seu carro, e se puderem, escolhem sempre os mais sofisticados.

h) Observação

É claro que as interferências estrangeiras na cultura cabo-verdiana não estão presentes somente nos elementos aqui apresentados, pois estamos convictos que existe um leque variado de elementos estrangeiros que carecem de um estudo mais aprofundado. O que fizemos foi dar pistas para futuras investigações para os demais que quiserem fazer um estudo sobre assunto em questão.

4– Consequências

Qualquer povo ao receber influências de outras culturas traz consequências positivas ou negativas conforme for o uso deles fizerem.

Como diz Manuel Veiga «somos fruto de uma diversidade cultural (...) Tolerância e Morabeza são elementos dessa diversidade e por isso condenados a viver nela»³⁸. Isto quer dizer que a diversidade está na nossa origem e por isso a tolerância em aceitar tudo o que vem de fora. No entanto ao aceitar inovações deve –se fazê-lo de forma consciente analisando os ganhos e as perdas, evitando que sejamos influenciados por aspectos negativos que ponham em risco o nosso bem-estar e a transmissão dos valores necessários que formam a nossa consciência cultural.

³⁸ VEIGA, Manuel. Uma Visão Prospectiva da Cultura. In CORREIA E SILVA, Filinto Elísio (coord.) **Cabo Verde 30 anos de Cultura 1975 – 2005**. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Praia. Julho 2005. pp16.

Devemos ter uma posição crítica: não aceitar nada de forma inconsciente, devemos saber o que aceitar e o que rejeitar. Há que pensar sempre que temos na nossa cultura algo de valor capaz de nos dignificar e nunca a ideia que tudo o que vem do estrangeiro é melhor do que o nosso. Devemos evitar a alienação para não correremos o risco de adoptar elementos na nossa cultura que nos encaminham para práticas menos correctas.

Em Cabo Verde, temos notado que algumas interferências têm trazido benefícios para a sociedade e enriquecimento da nossa cultura, mas outros contribuem para a instabilidade social desde medo, insegurança entre outros malefícios.

Neste sentido, passamos a exemplificar algumas consequências positivas e negativas mais visíveis na nossa sociedade com as interferências do estrangeiro.

4.1 – Positivas

Como já referido anteriormente a cultura não é estática, ela está em constante transformações, havendo sempre perda de alguns valores e em contrapartida acréscimo de outras conforme a época e a conjuntura.

È quase impossível fechar-se as influências, sob pena de ficar isolado no mundo. O que deve fazer é criar uma consciência cultural que permita discernir o útil do supérfluo.

Devemos aproveitar os aspectos positivos de cada cultura com ramificações no nosso país, integrá-la na nossa cultura, permitido assim o reanimo e o enriquecimento da mesma. Analisando a opinião dos entrevistados sobre este assunto constatamos que essas novas manifestações vão promover a nossa cultura, bem como o estreitamento de relações com outros povos, e ainda uma melhor visão do mundo.

Também permitem uma melhor reorganização social no que tange à urbanização e consequentemente ao embelezamento do meio.

Da mesma forma vão contribuir para uma mudança da mentalidade como por exemplo «aceitar um espírito empreendedor ganhos de hábitos de consumo de produtos talvez mais saudáveis, nomeadamente na nossa gastronomia»³⁹, mesmo uma melhor ocupação dos tempos

³⁹ GOMES, Lourenço. Entrevista nº 7. Praia.

livres, praticando vários desportos, visível na proliferação de polivalentes, e outros espaços desportivos.

Também permitem uma melhor preservação da saúde e alguns avanços na medicina. É o caso das campanhas contra o Sida realizadas em todo o mundo são as mesmas realizadas em Cabo Verde.

Apesar do país ter dificuldades estruturais, temos a oportunidade de ter acesso a novidades em termos da tecnologia e de outra ordem, reduzindo o desfasamento em relação a países mais avançados, e contribuindo para a actualização, ou seja através das trocas culturais somos capazes de absorver conhecimentos úteis no nosso dia a dia.

Também as técnicas apreendidas na diáspora pelos nossos emigrantes designadamente as artes plásticas, nos panos etc. contribuem para o fortalecimento da nossa cultura, pois ela é um elemento vivo que precisa ser fortalecida.

Mesmo através da Internet acabamos por absorver informações úteis, pesquisas importantes até do nosso país, bem com do mundo inteiro, beneficiando o aproveitamento dos estudantes, que terão um aliado nas suas aprendizagens e organização dos trabalhos escolares.

Outro aspecto positivo tem a ver com a melhoria no aspecto visual uma vez que o vestuário se diversificou, há uma linha de cosméticos, uma cultura de ir aos salões de cabeleireiro pois todos querem estar bem apresentados.

Tudo isto mostra realmente que devemos estar sempre com as portas abertas para intercâmbios culturais, uma vez que tornarão a nossa cultura mais rica se soubermos aproveitar delas sem pôr em risco a nossa identidade cultural, uma vez que o tradicional e o moderno devem andar lado a lado, ou seja inovar sim mas nunca esquecer as nossas raízes que são a nossa marca, o que nos diferencia de outras culturas, o que nos identifica. Como diz Manuel Veiga «Pensar que só o que vem de fora tem valor poderá significar alienação e não é isto que a globalização com um rosto humano exige.»⁴⁰

⁴⁰Op.Cit. VEIGA, Manuel. . In CORREIA E SILVA,Filinto Elísio (coord.) **Cabo Verde 30 anos de Cultura**.pp17

Isto mostra que podemos aceitar o que vem de fora mas nunca pensar que é melhor do que o nacional. Devemos é criar mecanismos para que a tradição e a modernidade possam caminhar lado a lado sem correremos o risco de ser absorvidos no internacional, o que conduziria seria a uma perda dos nossos valores e consequentemente da nossa identidade.

4.2- Negativas

As novidades também podem trazer malefícios para a nossa cultura e sociedade em geral. Isto acontece quando as técnicas e novidades são absorvidas de forma superficial, sem nenhum benefício para a nossa cultura. «As influências que nos invadem, que destroem as nossas particularidades, que não são objecto de uma aceitação ou de uma assimilação crítica, são negativas.»⁴¹

Essa assimilação pode levar a choques de valores, normas e princípios como é o caso da forma como os jovens, principalmente as meninas vestem, como dizem os mais velhos «quase nua, mostram mais do que escondem», o que para uma sociedade onde antigamente se cobria quase todo o corpo é por vezes chocante.

De acordo com um dos nossos entrevistados «uma coisa é absorver e outra é importar modelos e decalca-los na cultura sem entender e interiorizar perdendo a nossa identidade»⁴², ou seja podemos sim aproveitar elementos de outras culturas, mas sem correr o risco de perder a nossa identidade, não devemos diluir, mas sim tentar preservar as nossas raízes, a nossa história para que as gerações vindouras possam conhece-la.

Também temos notado adulteração de certas práticas tradicionais como é o caso do desfile de Tabanca com bandeiras do cantor jamaicano «Bob Marley», e com algumas roupas inadequadas para o evento. Da mesma forma há uma certa canalização das festas de romaria mais para o profano do que o religioso propriamente dito.

⁴¹ VEIGA, Manuel. Entrevista nº 16. Praia.

⁴² COHEN, Zelina. Entrevista nº 10. Praia.

O que se nota frequentemente na nossa sociedade são o que uma outra entrevistada chamou de «imitação irreflectida»⁴³, principalmente pelos mais jovens, ou seja reproduzem traços de outras culturas de carácter marginal, em benefícios próprios e não nas consequências para a sociedade em geral. É o caso dos chamados «Thug», espécie de gangs, talvez introduzida por retornados. «A cultura Thug, nasceu nas ruas da Nova Iorque, através de jovens afro-americanos, estimulados por alguns artistas do hip hop que abordavam temas alusivos a violência (...)».⁴⁴ São grupos que têm como objectivo aterrorizar as pessoas, o que de facto têm conseguido, pois as pessoas já não passeiam com segurança pelas ruas como antigamente com medo de serem atacadas.

Muitos emigrantes ao verem a vida de luxo nos países de acolhimento acabam por entrar em vias ilegais dedicando-se ao tráfico, e contrabando, metendo-se com a droga, lavagem de dinheiro, entre outras práticas, tudo para tentarem imitar aquilo que viram no estrangeiro.

Isto tem feito com que o número de consumidores de drogas e o narcotráfico tenha aumentado em Cabo Verde provocando uma cultura de violência e insegurança.

Outro malefício é o consumo de produtos supérfluos ou seja consumir não por necessidade mais sim porque está na moda. Da mesma forma aumentou o hábito dos lanches nos quiosques onde as melhores ofertas são os hambúrgueres, cachorros quentes, batata frita, refrigerantes entre outros alimentos muitas vezes prejudiciais à saúde.

Se por um lado a Internet encaminha as pessoas para o conhecimento saudável, por outra influência os jovens a práticas inadequadas como é o caso da pornografia, cenas de violência que muitas vezes acabam por ser reproduzidas na nossa sociedade.

Também os vídeo-games e os playstation têm contribuído para desviar principalmente os jovens dos estudos, uma vez que ao adquirirem o vício, a atenção fica canalizada para os referidos jogos reflectindo-se no aproveitamento escolar dos mesmos, sem falar nos problemas de saúde que provocam.

⁴³ LOPES, Antonieta. Entrevista nº 15 Praia

⁴⁴ Associação Juvenil para Desenvolvimento de Actividades de Formação e Informação. **Minis**. Praia. 2006.p 2

De uma forma geral as interferências podem confundir alguns aspectos da nossa cultura, permitindo a introdução de males e desvios de conduta, provocando intolerância, violência, desrespeito e desvalorização de certos traços da ética, da moral e dos bons costumes, e do valor cívico próprios da cultura cabo-verdiana.

«É que muitas vezes não se percebe onde começam e onde terminam alguns dos aspectos das nossas manifestações culturais. Os limites ficam confusos. As gerações mais novas não conseguem identificar o que é específico da nossa cultura, a nossa originalidade. Também os mais jovens têm sempre a tendência de assimilar aspectos negativos de outras culturas como é o caso de roupas com rasgos, cabelos despenteados. Brincos em várias partes do corpo et»c.⁴⁵

No entanto algo está sendo feito no sentido de se preservar e divulgar a nossa cultura, permitindo que ela seja um dos veículos transmissores para o reconhecimento do nosso povo, e que ela seja capaz de ajudar no desenvolvimento do nosso país, uma vez que a cultura é o cartão de visita de qualquer povo.

5 – Considerações Finais

De uma forma geral pode-se afirmar que a cultura cabo-verdiana sempre teve interferências estrangeiras, uma vez que sendo um país desabitado a quando da sua descoberta, torna-se impossível ter com o seu património alguma coisa que não fosse o seu território. O seu povo nasceu do cruzamento de povos com origens étnicas e culturais diferentes. (africano e europeu).

Neste sentido podemos afirmar que a cultura cabo-verdiana nasceu do cruzamento de duas raízes culturais bastante diferentes contribuindo para que tivéssemos uma diversidade cultural.

⁴⁵VIEIRA, Margarida. Entrevista nº14. Praia.

O povo cabo-verdiano aproveitou um pouco de cada cultura que coabitou no seu território transformou-o na cultura cabo-verdiana, uma cultura feita de misturas mas com um produto final que é só nosso, é a nossa identidade.

Analisando a nossa sociedade, continuamos a receber elementos culturais de outros continentes contribuindo para que cada vez mais a nossa cultura se afirma no sentido da diversidade. Tal com diz Manuel Veiga «a nossa cultura por ser crioula, é dialogante, e tolerante. Somos um povo de imigração, fazendo com que tenhamos uma cultura aberta à diferença.»⁴⁶

No entanto é necessário conhecermos os nossos limites, evitando que sejamos invadidos por produtos sem qualidade, pois aceitar é bom, mas temos de ter um espírito crítico e saber tirar proveito da novidade sem pôr em causa as nossas raízes. Devemos saber como canalizar cada interferência e obter dela uma consequência positiva, capaz de engrandecer cada vez mais a nossa cultura permitindo a sua divulgação e afirmação, sem deixar por outro lado que a diversidade traga consequências negativas para a nossa cultura e quiçá a sociedade em geral. È preciso que tenhamos a capacidade de aceitar ou de rejeitar a diferença livre e conscientemente.

⁴⁶ VEIGA, Manuel. Entrevista nº 16.

CONCLUSÃO

Quando Cabo Verde foi descoberto, as ilhas encontravam-se desabitadas, o que veio permitir no seu território um cruzamento de povos de diferentes raças. Durante muito tempo os contingentes europeu e africano vão ser forçados a coabitarem no mesmo espaço provocando uma interculturalidade e dando origem a elementos culturais nem europeus e nem africanos, mas uma adaptação das duas culturas totalmente diferentes, uma criação.

Como resultado da síntese desses vários elementos culturais vai surgir a cultura cabo-verdiana. Neste sentido podemos afirmar que somos frutos da diversidade cultural. Formamos a nossa cultura a partir de elementos de outras culturas que adoptamos e transformamos em algo que nos identifica, algo que é capaz de nos representar e diferenciar dos outros.

No entanto constatamos que a nossa cultura continua a ser alvo de elementos de outras culturas fruto da interculturalidade existente entre Cabo verde e os vários países com que ele mantém relações, pois Cabo Verde é um país que está sempre virado para o mundo principalmente pela sua situação geográfica.

Também cada vez mais há uma facilidade de entrada e saída do país fazendo com que nesse vai – vêm fiquem alguns traços de outras culturas.

Neste sentido concluímos que a emigração é a principal causa da interferência estrangeira na cultura cabo-verdiana, uma vez que o convívio dos emigrantes portadores de uma cultura diferente leva os cabo-verdianos a assimilar aspectos de outras culturas.

A globalização também tem um peso muito forte nesta mudança, porque permite o contacto mais frequente de Cabo Verde com o resto do mundo, há maiores meios de divulgação pondo as culturas mais próximas, e maior divulgação de bens e serviços.

Essas interferências fazem-se sentir em vários elementos da nossa cultura, mas constatamos que as áreas de maior incidência tem haver com a música, dança, aspectos linguísticos vestuário, culinária, alguns hábitos das famílias, arquitectura, religião etc.

A nível da música constatamos que a interferência é mais sentida naquela que é feita pelos emigrantes que nascem ou se criam na diáspora que acabam por juntar à música tradicional os elementos electrónicos do país de acolhimento, até porque seria difícil gravar um CD no exterior usando instrumentos tradicionais de Cabo Verde.

Muitas vezes também as leis do mercado fazem com que os nossos artistas e optam por aquilo que está na moda e conseqüentemente com mais saída, pois num país com fracos recursos como Cabo Verde existe ainda a supremacia do económico em detrimento do cultural.

No vestuário tal como em vários outros aspectos as mudanças são mais visíveis na camada mais jovem por estarem numa idade onde são mais vulneráveis as novidades. Os vestuários chegam pelas mãos dos rabadantes, pelos emigrantes ou pelos bidões que enviam os familiares. Também fazem cópias através da televisão principalmente pelas novelas ou através de revistas e ainda pela Internet.

Relativamente à culinária somos de opinião que os fracos recursos económicos e a escassez da chuva no nosso país fazem com que importemos quase todos os géneros alimentícios que necessitamos, modificando de certa forma os hábitos alimentícios dos cabo-verdianos.

A língua como principal veículo de comunicação entre os povos não poderia deixar de ser referenciada no trabalho pois ao longo dos tempos a nossa língua tem sofrido influências de vários vocábulos estrangeiros principalmente da Europa e da América, o que concluímos que é devido a comunidade cabo-verdiana nesses continentes serem em maior quantidade, como também pelo facto de Cabo Verde ter maior germinação com países dos referidos continentes. Notamos que os vocábulos estrangeiros são mais usados pelos jovens ou

familiares de emigrantes e ainda por aqueles que estão em contacto com os imigrantes no nosso país.

A nível da religião notamos que cada vez mais a entrada no nosso país de novas seitas religiosas provocando certa perturbação na mente dos cabo-verdianos, que muitas vezes acabam por deixar a antiga religião para seguir a mais nova que chega.

No tocante a arte é mais visíveis as mudanças na arquitectura e na pintura. As casas tradicionais foram substituídas por duplexes e também criou-se o hábito de adquirir apartamentos em grandes prédios. As pessoas com menos possibilidades já não constroem casas de palhas ou tambores, mas lutam para obter uma casa de betão armado, não só para acompanhar a moda mas também por melhor conforto.

É claro que toda interferência numa cultura pode ser útil ou prejudicial conforme as críticas que fizermos ao receber um bem de outra cultura. Nesta óptica concluímos que as interferências estrangeiras na nossa cultura podem ser tanto positivas como negativas. Positivas porque vão contribuir para o enriquecimento da mesma, permitindo acesso a novidades evitando o desfasamento em relação aos países mais avançados.

No entanto essas manifestações podem ser negativas quando contribuem para a destruição de alguns elementos da nossa cultura, como também introdução de certos malefícios que podem acabar com a segurança e a estabilidade dos cabo-verdianos.

Para evitar que sejamos atropelados por outras culturas, antes de aceita-las devemos fazer com que a nossa cultura seja preservada e divulgada para que ela seja reconhecida e transmitida de geração em geração. Aceitar, é bom porque ajuda na diversidade e enriquecimento da cultura mas nunca pensar que o que vem de fora é melhor do que o nosso, porque o que nos identifica é o nacional.

Muitas foram as barreiras encontradas, na recolha da bibliografia, nos trabalhos de campo, no tempo disponível. Porém estamos certos de termos conseguido atingir a meta anteriormente preconizada.

Sendo este trabalho um tema relacionado com a Cultura Cabo-verdiana, pode ser explorado nessa disciplina com objectivo de contribuir para o enriquecimento e conhecimento da nossa cultura.

BIBLIOGRAFIA

Obras Gerais e Específicas

A. C.L. (Academia das ciências de Lisboa). **Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea**. Vol I.A-F. Lisboa. 2001.

AHN. **Descoberta das Ilhas de Cabo Verde**. Praia. A.H.N. 1998.

ANDRADE, Elisa. **Antologia de Textos de Cultura Cabo-Verdiana**. Praia. ISE. 2001.

BERNARDI, Bernardo. **Introdução aos estudos etno-antropológicos. Perspectivas do Homem**. Lisboa. Edições 70. 1992.

BRAUDEL, Fernand (1987). **Gramática das Civilizações**. Paris. Editorial Trorema.1989.

CARREIRA, António. **O Crioulo de Cabo Verde – Surto e expansão**. Gráfica Europam lda. 1983.

CORREIA E SILVA Filinto (Coord). **Cabo Verde 30 anos de Cultura 1975 – 2005**. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2005.

FURTADO, Cláudio. **A Transformação das Estruturas Agrárias numa Sociedade em Mudança – Santiago, Cabo Verde**. Praia. Instituto Cabo-verdiano do Livro. 1993.

H. L.P. (Instituto António Houaiss de Lexicografia). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Lisboa. 2003.

LIMA, Augusto Mesquitela, et Al. **Introdução a Antropologia Cultural**. Lisboa. Editorial Presença. S/d.

LOPES FILHO, J. **Introdução à Cultura Cabo-Verdiana**. Praia. ISE. 2003.

MARTINS, Vasco. **A música Tradicional Cabo-Verdiana – I, (A Morna)**. Instituto Cabo-verdiano de Livro e do disco.1989.

MONTEIRO, César Augusto. **Comunidade Imigrada: Visão Sociológica, o Caso da Itália**. S.Vicente Edição do autor.1997.

RODRIGUES, Moacyr, et LOBO, Isabel. **A Morna na Literatura Tradicional**. Mindelo. Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco.1996.

KI-ZERBO, J. **História Geral da Africa. Metodologia e Pré-História da África**. Vol.I. Ática /Unesco.1980.

VEIGA, Veiga. **A Construção do Bilinguismo**. Mindelo. Instituto da Biblioteca e do Livro.2004.

Periódicos

Associação Juvenil para Desenvolvimento de Actividades de Formação e Informação. **Minis**. Praia. 2006.

Boletim Oficial nº 52. 3º Suplemento. 1990.

Fragata. Revista de Bordo dos Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV) Números: 12./1996; 18/1996; 14/1997;1e2, /2003; 7/2004

Jornal Artiletra. Nº73 / 74. Dezembro 2005

Jornal A Semana Nº 718. Junho 2005.

Instituto de apoio ao Emigrante. **Emigrasom**. Nº 34. Novembro/94.

Repartição do Gabinete do Governo. Boletim Oficial da Província de Cabo Verde.1957.

Páginas de Internet consultadas

WWW.Novomilénio.inf.br/santos

[www. Micoa. Gof. Ms/ MICOA/ ambiente/ Moçambique/numero 21/ povo htmal](http://www.Micoa.Gof.Ms/MICOA/ambiente/Moçambique/numero%2021/povo.html)

[www.vimb.br/ ics](http://www.vimb.br/ics)

Www.uea.angola.org/artigo

[www.ic.cv/A%20CULTURA. Doc.](http://www.ic.cv/A%20CULTURA.Doc)

Anexos

Anexo I

Questionário

Questionário

Este questionário enquadra-se na investigação para o trabalho do fim de curso com vista a obtenção do grau de licenciatura no ensino da História.

Tem por objectivo recolher informações dos cabo-verdianos sobre as interferências estrangeiras na cultura Cabo-verdiana.

Nome _____

Idade _____

Profissão _____

- 1- Actualmente temos notado que na cultura cabo-verdiana tem aparecido novas manifestações vindo de outras culturas. Na sua opinião o que esta na base da introdução dessas novas manifestações na nossa cultura?

- 2- Que consequências essas manifestações têm na cultura cabo-verdiana.

A) Positivas _____

B) Negativas

3- Acha que devemos fechar a nossa cultura a essas manifestações, ou aproveitar o positivo para o enriquecimento da nossa cultura?

4- Em que áreas são mais notória essas manifestações?

5- Qual é a faixa etária mais vulnerável a essas manifestações?

6- Na sua opinião o que é que as autoridades competentes têm feito no sentido de preservação e divulgação da cultura cabo-verdiana?

7- Relacione a Globalização com o aparecimento das novas manifestações na nossa cultura?

8- Para você qual é o impacto da Imigração nessa mudança cultural?

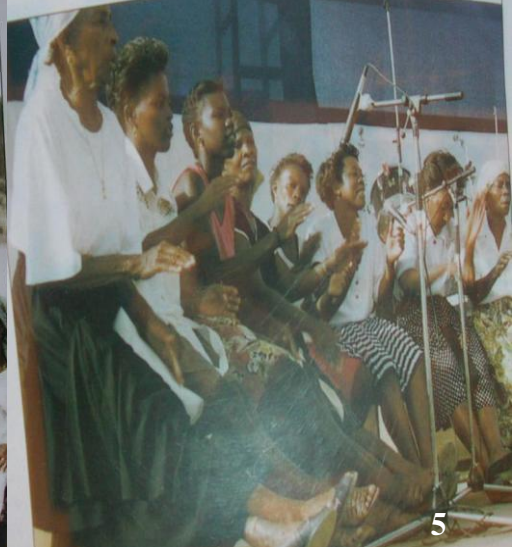
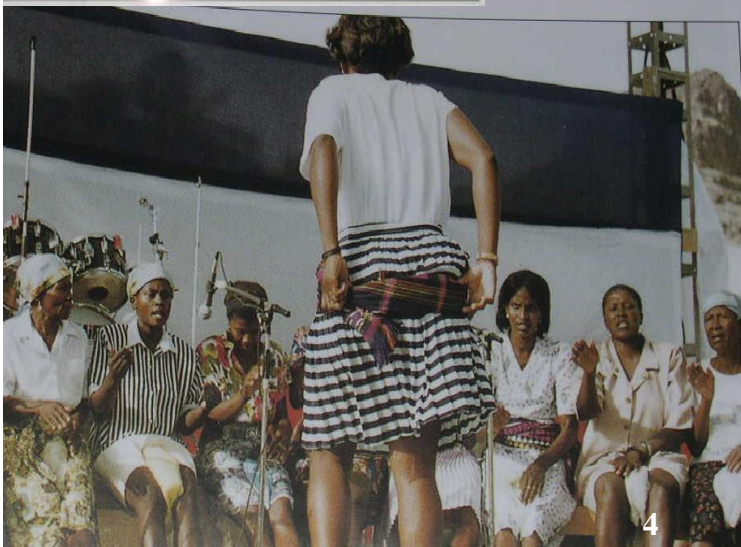
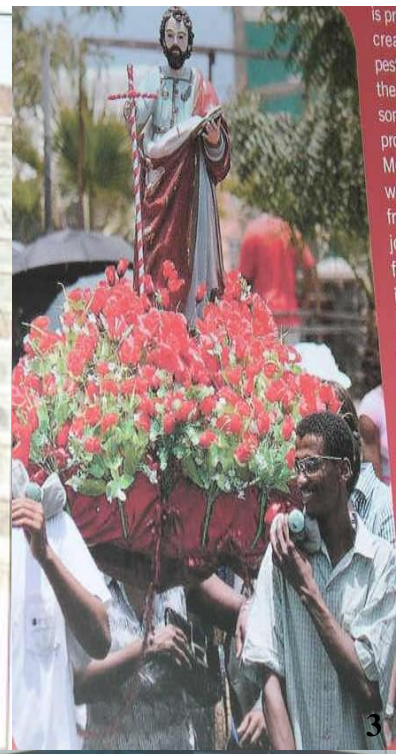
Muito obrigada!

Anexo II

Lei Protecção do património

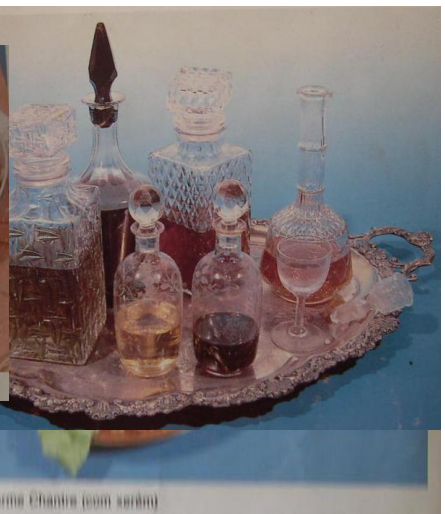
Anexo III

Algumas Manifestações Culturais Cabo-Verdianas



Alguns alimentos que constituem a base da gastronomia cabo-verdiana, bem como alguns pratos típicos das ilhas de Cabo Verde.





8



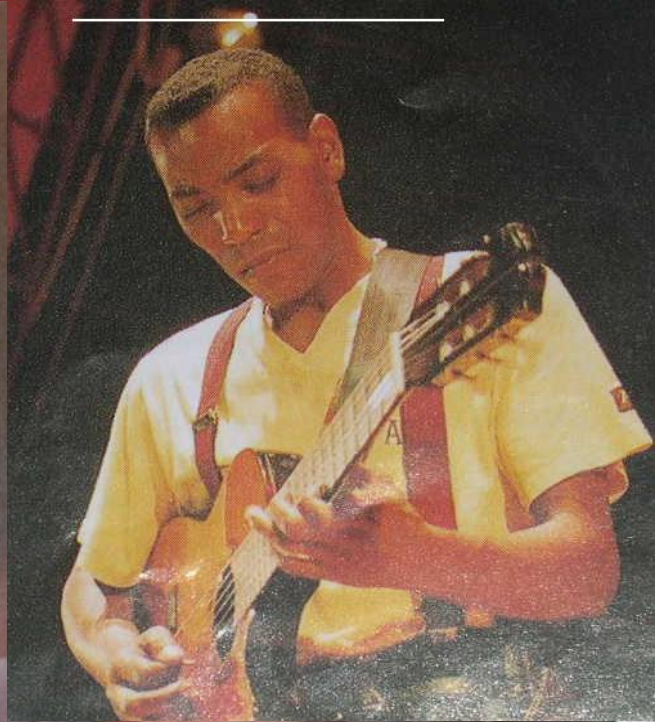
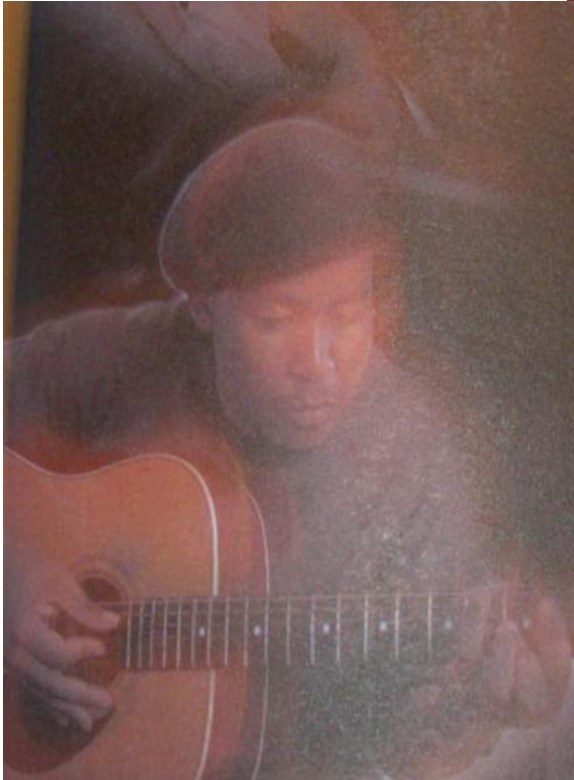
9

Legenda das figuras

1. Contradança
2. Idem
3. Procissão durante uma festa de Romaria
4. Batuque
5. Idem
6. Tabanca

- 7. Idem**
- 8. Festa de São João Baptista**
- 9. Festa da bandeira na ilha do Fogo**
- 10. Tradição Oral (contar estórias)**
- 11. Reza**

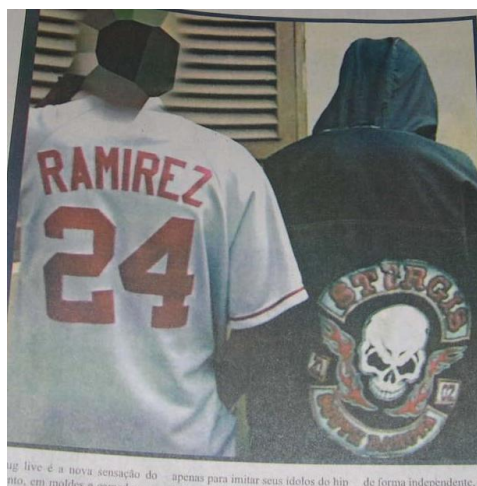
Algumas figuras da música tradicional cabo-verdiana



Anexo IV

Alguns Elementos da Cultura cabo-Verdiana com interferência estrangeira

«Thug's» grupos com influência dos Estados Unidos, que ultimamente têm aparecido em Cabo Verde, principalmente na cidade da Praia. Fonte (revista minis. nº 5. 2006)



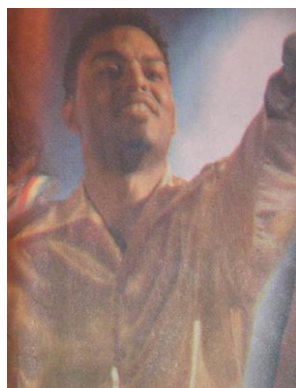
ug live é a nova sensação do
rio, em moldes e camadas
apenas para imitar seus ídolos do hip
de forma independente,



Cabo-verdianos residentes na diáspora que interpretam estilos musicais Hip Hop e Reggae.
(Fonte revista Praia IIª série. Julho 2004.pp 26-27)

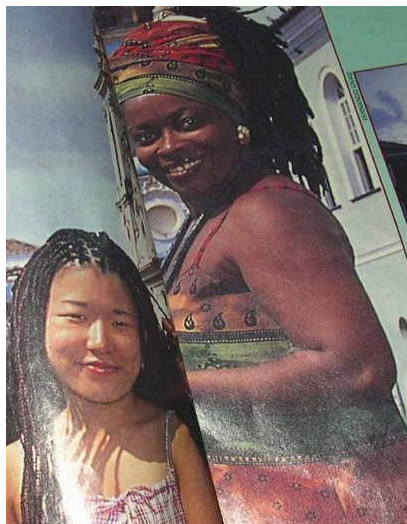


Os avanços técnicos e o desejo de gravar um CD no estrangeiro, fazem com que os nossos artistas substituam os tradicionais instrumentos acústicos, por outros mais modernos, dando a nossa música uma sonorização diferente.



Gilto e Gil Semedo são exemplos de artistas cabo-verdianos que interpretam coladeiras com mistura de Zouk. São as chamadas Colá Dance ou Colá Zouk.

O uso de tranças postiças. Uma prática muito usada hoje em dia por muitas mulheres cabo-verdianas. É uma influência Afro-americana.



Fonte: Op. Cit. Revista Praia.p.34



Muitas mulheres cabo-verdianas deixaram de usar o tradicional lenço na cabeça, para frequentar os salões de cabeleireiro.

O Carnaval cabo-verdiano assemelha-se muito ao Carnaval brasileiro nas vestes e nos carros alegóricos. (fonte –Fragata, revista de bordo dos TACV.nº 2. 2003.)



Devido a escassez de produção local, bem como a influência da emigração e os meios de comunicação, introduziram em Cabo Verde novos hábitos alimentícios.



nível da arquitectura notamos uma certa evolução em Cabo Verde. Introduzem novos modelos europeus, e substituem os tradicionais introduzidos pelos colonizadores. Essas casas são na maioria dos emigrantes ou estrangeiros que investem em Cabo Verde.



nº 2003



Idem



Idem

A Pintura cabo-verdiana tal como os outros elementos da cultura cabo-verdiana recebe influências do estrangeiro, o que Danny Spinnola chamou de «invólucro do modernismo» acontecido nos E.U.A e na Europa.



Fonte.Fragata. Revista Bordo dos
TACV.nº12.pp 33,34.



Idem

Os cosméticos difundiram-se por todas as partes do arquipélago.

Produtos de beleza vindos dos continentes Americano, Europeu e Africano.



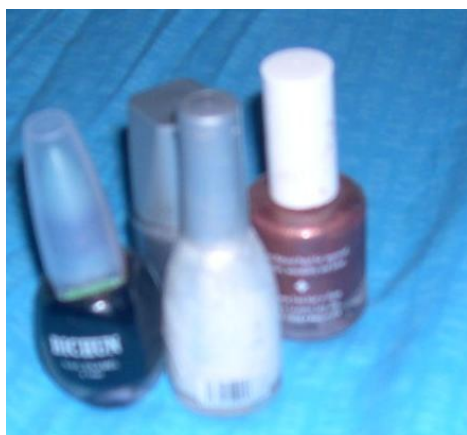
Fonte : Ana Amarante



Fonte: Idem

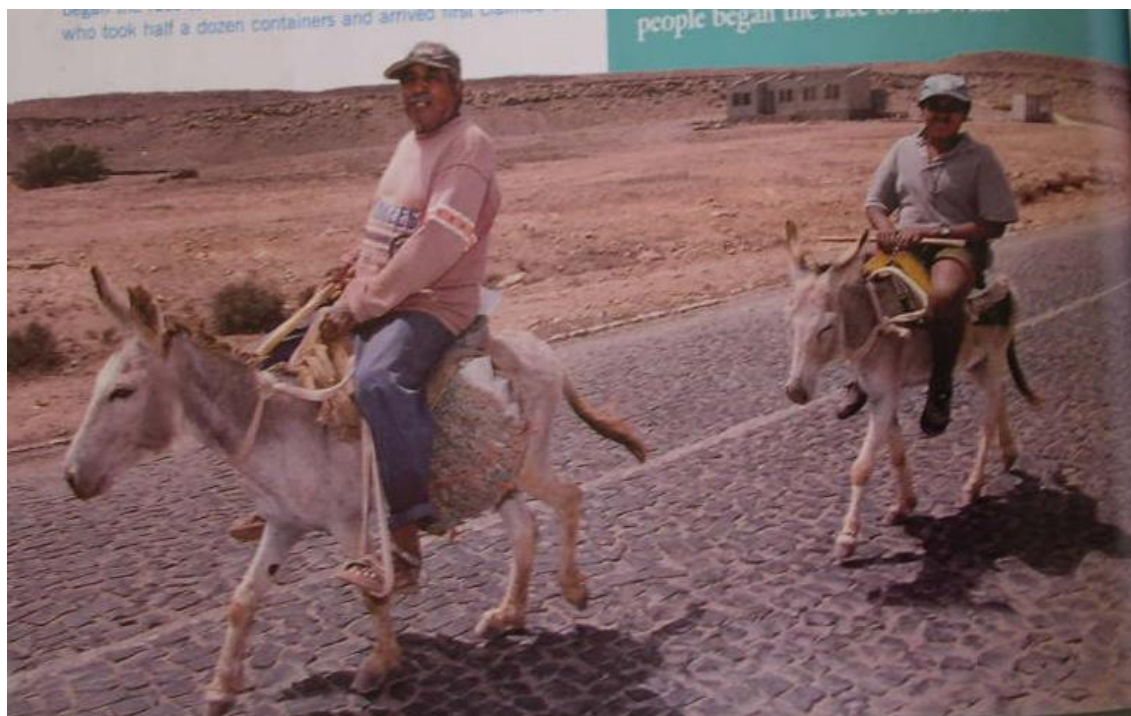


Fonte: Idem



Fonte: Idem

Antigamente na maioria das vezes os meios de transportes utilizados eram os animais, que pouco à pouco foram substituídos por transportes mais sofisticados.

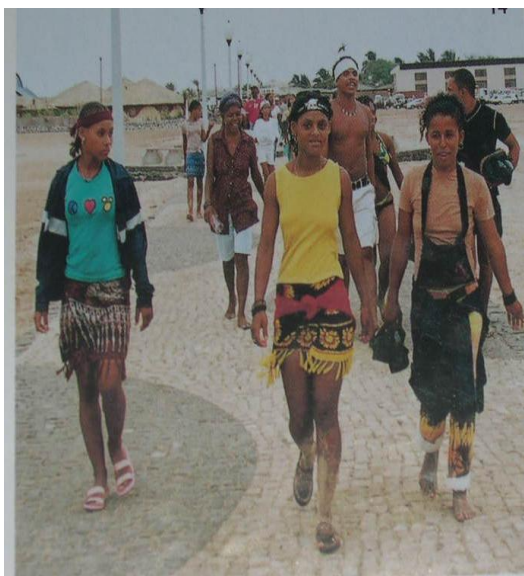


Cada vez mais se nota uma grande intensificação dos meios de transportes. Cada um faz o possível para adquirir o seu. Há uma cultura de andar somente de carro, pois quase ninguém já se desloca a pé, mesmo que a distância seja curta.



Fonte: Fragata revista de bordo dos TACV. N°12 1996

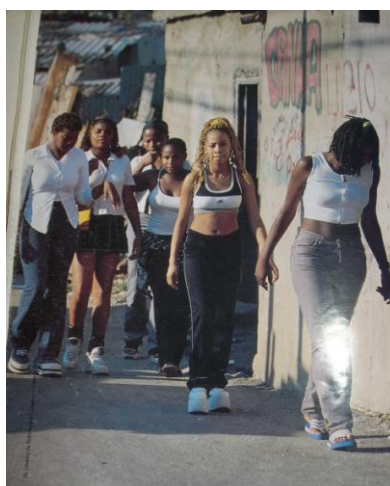
A moda em cabo Verde generalizou-se entre todas as camadas sociais.



Os panos africanos e brasileiro, bem como os lenços usado pelo haper e as fitas na cabeça, são os preferidos dos mais jovens, durante a ocupação dos tempos livres.



Fonte: Fragata revista bordo dos TACV.nº1.2003.



Fonte: Revista cultura.nº2.p.8

O uso de calças, mini-saia, top entre outros acessórios como os sapatos altos tornaram-se um hábito entre as mulheres.



